



Turma da Biblioteca



Eduardo Paes

Prefeito do Rio de Janeiro

Claudia Costin

Secretária Municipal de Educação – SME

Cleide Ramos

Presidente da Empresa Municipal de
Multimeios – MultiRio

Maria Tereza Lopes Teixeira

Chefe de Gabinete

Ricardo Petracca

Diretor de Mídia e Educação

Sergio Murta Ribeiro

Diretor de Administração e Finanças

Turma da Biblioteca

.....

Série televisiva: textos complementares



MULTIRIO - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210

Tel.: (21) 2976-9432 • Fax: (21) 2535-4424

www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br

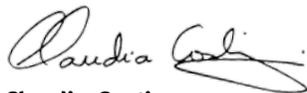
Apresentação

O fascículo de textos relativos à série *Turma da Biblioteca* é o terceiro de um conjunto de publicações referentes às produções televisivas da MultiRio voltadas ao atendimento de alunos e professores em sala de aula.

A série, dirigida às turmas do 3º ao 5º anos, é composta de dez programas que narram as aventuras das irmãs Geysa, de 11 anos, e Jéssica, de 7, na companhia dos amigos Maiquel, de 8, e Emerson, de 10, tendo como cenário a biblioteca da escola em que estudam.

Os textos ora apresentados fundamentam e orientam a aprendizagem da Língua Portuguesa para que o aluno amplie sua capacidade de expressão oral, de leitura e de produção de textos. Na publicação, encontram-se, ainda, sugestões de atividades que, certamente, contribuirão para tornar cada aula mais dinâmica e enriquecedora.

Os conteúdos de apoio oferecidos no fascículo *Turma da Biblioteca* possibilitam ao professor orientar seus alunos a refletirem sobre os textos que leem, escrevem, falam ou ouvem e, a partir daí, ressignificarem seu aprendizado.



Claudia Costin

Secretária Municipal de Educação – SME

Prefácio

A série *Turma da Biblioteca*, segundo a professora e consultora Adriana Guedes, “não traz conteúdos prontos e acabados para uma simples complementação das aulas de Língua Portuguesa, mas demonstra, por meio dos personagens e de suas diferentes histórias de vida, como a língua atua a partir das experiências individuais”.

O enfoque textual, semântico e discursivo proposto no argumento da série diz respeito a uma abordagem do Português voltada para a produção de textos coerentes e coesos e para questões que envolvem a dimensão social da linguagem.

Nesse contexto, *Turma da Biblioteca* descreve o que acontece quando quatro alunos, de diferentes séries, encontram um baú misterioso na biblioteca da escola. Dentro dele, cartas, poemas e fotos atiçam a curiosidade dos personagens sobre o dono do baú e sua história. Sempre que voltam à biblioteca, descobrem novidades no baú que dão origem a especulações, deduções, questionamentos e ao interesse de aprender mais e mais sobre a Língua Portuguesa.

A série *Turma da Biblioteca* torna-se, assim, um instrumento importante para que o professor estimule seus alunos a desenvolverem e a aperfeiçoarem, com autonomia, o uso da língua ao longo do Ensino Fundamental. Para isso, trabalha:

- Práticas de oralidade e de letramento, de forma integrada, levando o aluno a identificar as relações de dependência, independência e interdependência entre oralidade e escrita;
- Leituras de textos de diferentes tipos e gêneros e com diferentes funções; elaboração de textos de diferentes tipos e gêneros para diferentes interlocutores, em diferentes situações e condições de produção;
- Apropriação e variação vocabular por meio da descoberta de aspectos da formação de palavras, de figuras de linguagem, dos estrangeirismos, da construção de sentidos a partir de recursos gráficos, das repetições estilísticas, entre outros itens que ajudam a ampliar o repertório léxico;
- Diferentes gêneros textuais e tipos de textos, como anúncios publicitários, cartas pessoais, notícias, poemas, contos, histórias em quadrinhos, narrativas de viagem, receitas, verbetes de enciclopédias, letras de músicas, artigos opinativos, entre outros;
- Apreensão do tema e da estrutura global do texto; levantamento de hipóteses; relações de causa e consequência, de temporalidade e de espacialidade; síntese; generalização; relações entre forma e conteúdo;

- Objetivos específicos da atividade de escrever ligados à função da escrita, ao gênero do texto, às metas da produção, aos interlocutores almeçados, à utilização de recursos linguísticos e discursivos, que confirmam coesão, unidade, coerência, clareza e concisão ao material produzido;
- Sinais de pontuação e sua importância na construção do texto e no seu entendimento. Também é proposta uma reflexão sobre os usos da língua portuguesa, suas intenções e sua funcionalidade;
- Pronúncia correta; tonicidade; regras de acentuação gráfica; classificação das palavras de acordo com a sílaba tônica; construção individual e coletiva do conhecimento gramatical, a partir da observação, em textos reais, de determinados fenômenos da Gramática;
- Ortografia, com o emprego de **r** ou **rr**, **j** ou **g**, **s** ou **z**, **x** ou **ch**, levando o aluno a descobrir o uso da escrita com as palavras corretas como forma de comunicação, de interlocução e de imprimir uma função social a essa escrita. Incentivo à utilização do dicionário para tirar dúvidas;
- Passado, presente e futuro. Pensar o tempo na escrita, suas variações; ressignificar os aspectos gramaticais das flexões verbais em uma dimensão mais reflexiva, associada à construção do pensamento dos alunos e à prática da escrita. Pensar o tempo verbal como fundamentação do texto, construção da frase e base de sua significação;
- Literatura infantil: contos de fadas, mitologias, histórias de cavaleiros de capa e espada, marinheiros e naufragos, detetives mirins; a narrativa e a poesia que se dividem, fundamentalmente, entre o bem e o mal. Os recursos para se fazer uma boa leitura; entrevistas com escritores sobre a importância da criação na infância;
- Pesquisa em bibliotecas, jornais, revistas e na internet, com objetividade e segurança; como organizar a pesquisa; uma orientação inicial dos sumários, dos ícones do computador e dos registros que devem ser feitos e somados às conclusões dos trabalhos.



Cleide Ramos

Presidente da MultiRio

Sumário

O baú misterioso.....	9
Apropriação e variação vocabular	
Bons amigos.....	13
Tipologia textual / criação textual	
Charada.....	17
Coerência e coesão textual	
Grafias.....	21
Criação textual	
Dúvidas.....	25
Pontuação	
Barulhinho bom.....	33
Acentuação	
Sopa de letrinhas.....	39
Ortografia	
Passado, presente e futuro.....	45
Tempo verbal	
Ler para viver.....	49
Literatura infantil	
Bibliotecando.....	55
Biblioteca, pesquisa, texto informativo	

O baú misterioso

Apropriação e variação vocabular



Alberto Jacob Filho

Um texto literário ou uma consulta ao dicionário são maneiras válidas de lidar com a língua – que tem numerosas formas de ser usada. Neste capítulo, vamos promover um estudo da linguagem do texto por meio da exploração de aspectos como: as especificidades do uso da língua ou da variedade linguística, de acordo com o gênero e com os interlocutores envolvidos; os sentidos de certos vocábulos; as expressões e as construções da língua; as ambiguidades; as figuras de linguagem; os aspectos da formação de palavras; os valores semânticos dos diminutivos; o uso enfático de palavras e expressões; os estrangeirismos; o resultado semântico-estilístico de certas técnicas narrativas; a construção de sentidos a partir de recursos

gráficos; as repetições estilísticas; os recursos expressivos do texto; as marcas de pessoalidade e de impessoalidade do discurso.

Conceitos-chave

Vocabulário

É o conjunto de palavras que conhecemos, somos capazes de compreender e utilizar na formação de frases.

Léxico

Poderia ser definido como o acervo de palavras de um determinado idioma que as pessoas têm à sua disposição para expres-



sar-se, oralmente ou por escrito. O léxico de um idioma é composto de palavras que podem ser agrupadas em classes, conforme prescreve a Gramática desse idioma. Há tipos de vocábulos que existem em praticamente todos os idiomas, como os substantivos, os adjetivos e os verbos. Uma parte do léxico do idioma pode ser encontrada em dicionários de diversos tamanhos. Quanto maior, maior o conjunto de palavras e definições que poderão ser contempladas com um espaço naquela obra.

Morfologia

Em Linguística, morfologia é o estudo da estrutura, da formação e da classificação das palavras. Sua peculiaridade é estudar as palavras olhando-as isoladamente e não como componentes de uma frase ou de um período.

A morfologia está agrupada em dez classes, denominadas classes de palavras ou classes gramaticais. São elas: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Metas educacionais

É preciso prever a necessidade de intervenções específicas que ajudem os alunos a desenvolver melhor e mais rapidamente as capacidades e as habilidades envolvidas na leitura e na escrita. A parte mais importante dessas intervenções deve ser voltada a facilitar o acesso à compreensão global de todos os tipos de texto. O estudo do vocabulário inclui-se aí, como parcela fundamental no processo de apropriação, de compreensão e de produção da língua materna. Para tal tarefa, seguem-se estas intenções:

- desenvolver o hábito e as habilidades de consulta a dicionários;

- desenvolver as habilidades de reconhecer a estrutura da palavra e de identificar os processos de formação de palavras, a fim de aperfeiçoar a produção e a recepção de textos orais e escritos;
- desenvolver a habilidade de determinar, com precisão, o significado das palavras, identificando, entre elas, semelhanças (pela forma – homônimos, homógrafos, polissemia; ou pela proximidade semântica – palavras que pertencem ao mesmo campo semântico); diferenças (matizes de significação nas séries sinonímicas; variações regionais ou sociais; sentido próprio ou figurado; eufemismo); ou oposição (antônimos), a fim de aperfeiçoar a produção e a recepção de textos orais e escritos;
- levar o aluno ao conhecimento das fontes do léxico português.

Para usar em sala de aula

- 1) Brincar de dicionário. O professor ou um dos alunos abre o dicionário, procura uma palavra bem difícil ou pouco usada e verifica se alguém da turma a conhece. Anota seu significado e pede que todos escrevam em um pedaço de papel um significado que eles imaginam para a tal palavra. O professor ou o aluno que a escolheu mistura todos os papéizinhos, inclusive o correto, e lê para a turma. Todos, então, têm que votar no significado que julgam ser o do dicionário. Quem acertar ganha ponto.
- 2) Fazer um glossário de gírias e expressões verbais utilizadas pelos alunos. Depois, todos trocam entre si.



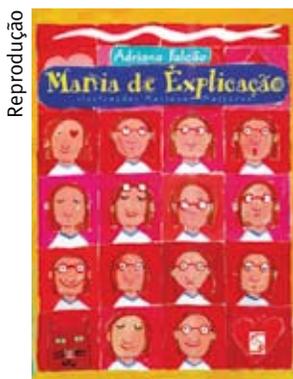
Alberto Jacob Filho

3) Ler os textos abaixo e contar o que entenderam. Quem acertar ganha ponto.

“Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1940. Para minha D. querida. Escrevo com minha pena preferida e sobre o couro da cadeira. O barulhinho monótono da chuva é música diária que o carioca ouve, mas hoje a tempestade me preocupa.” (...)

“A cabeça doeu-me o dia inteiro. E o meu malandrinho que não me escreve um nada? Tenho uma fezinha que o correio, amanhã, vae-me trazer uma carta cheia de amôr e saudade. Enquanto isso, fico eu e a chuva neste local mal-assombrado.”

Leitura de apoio



Mania de Explicação, de Adriana Falcão. Editora Salamandra.

“Solidão é uma ilha com saudade de barco.” A frase, recheada de poesia, é uma das muitas que Adriana esculpiu com sensibilidade nesse livro, que

já se tornou um clássico da literatura para as crianças de todas as idades. O que quer dizer “ainda”? E “apesar”? E “saudade”? E “antes”? Só conhece a resposta quem tem *Mania de Explicação*, uma espécie de dicionário poético das coisas inexplicáveis. Aqui, aprendemos, por exemplo, que “sucesso é quando você faz o que sabe fazer, só que todo o mundo percebe”.



Pequeno Dicionário de Palavras ao Vento, de Adriana Falcão. Editora Planeta do Brasil.

A autora sempre recolheu palavras que o vento lhe trazia. Namorou todas, brigou com algumas, brincou com outras, prendeu-as. Nesse pequeno dicionário,

ela solta todas as palavras direto para a alma do leitor.



O Livro das Palavras, de Ricardo Azevedo. Editora do Brasil.

As lembranças iam e vinham desencontradas feito ondas do mar. As palavras do livro de histórias. A espantosa diferença entre a palavra “árvore”

e uma árvore plantada no chão. O menino que usa o próprio corpo para conversar. O homem que queria aprender a fazer partos. O doido varrido. O velho caído na curva da estrada. O amor do casal apaixonado. Os dois velhinhos que descansam no caminho da missa. O casal, cheio de filhos e de esperança, que queria mudar o mundo. A complicada discussão do motorista com os guardas de trânsito e, agora, para piorar, aquele estranho personagem afobado e gentil, que simplesmente não falava coisa com coisa.

Bons amigos

Tipologia textual / criação textual



Alberto Jacob Filho

Com o trabalho de leitura e produção de textos centrado nos gêneros, tanto o ato de ler quanto o de escrever são dessacralizados e democratizados: todos os alunos devem aprender sobre todos os tipos de textos. É possível até que um aluno, ao se apropriar dos procedimentos que envolvem a produção da crônica, não apresente tanta habilidade quanto outro, mas ele poderá, por exemplo, compreender, interpretar e produzir textos publicitários muito criativos ou ser um ótimo argumentador, em debates ou em textos escritos. É importante que o aluno se identifique com a sua forma de comunicação em língua materna.

Conceitos-chave

Tipos textuais

Referem-se à estrutura composicional do texto. Hoje, admitem-se cinco tipos textuais: descrição, narração, dissertação, exposição e injunção. Os textos injuntivos são aqueles que indicam procedimentos a serem realizados. Neles, as frases, geralmente, estão no modo imperativo. Bons exemplos desse tipo de texto são as receitas e os manuais de instrução.



Gêneros textuais

São as diferentes formas de expressão textual. Nos estudos da Literatura, temos, por exemplo, poesia, crônica, conto, prosa, etc. Os gêneros textuais englobam esses e todos os outros textos produzidos por usuários de uma língua. Assim, ao lado da crônica e do conto, vamos também identificar a carta pessoal, a conversa telefônica, o e-mail e tantos outros gêneros que circulam em nossa sociedade. Piadas, anúncios, poemas, romances, cartas de leitor, notícias, biografias... São as situações que definem qual o gênero a utilizar.

Em nosso dia a dia, nos deparamos com tantas situações que, às vezes, ficamos em dúvida de como resolvê-las.

Aqui, algumas dicas:

- *Saber chegar a um endereço desconhecido.*

Consultar o guia de ruas da nossa cidade ou perguntar a alguém que conhece o trajeto.

- *Escolher um filme para assistir no cinema.*

Pesquisar no jornal ou pedir opinião a um amigo.

- *Conversar com parentes que estão longe.*

Telefonar, mandar carta ou e-mail.

- *Criar um clima de descontração com amigos.*

Contar piadas, conversar.

É muito importante não confundir tipo textual com gênero textual. Os tipos aparecem em número limitado; já os gêneros são praticamente infinitos, por serem textos orais e es-

critos produzidos por falantes de uma língua em um determinado momento histórico.

Os gêneros textuais, portanto, estão diretamente ligados às práticas sociais. Alguns exemplos: carta, bilhete, aula, conferência, e-mail, artigo, entrevista, discurso, etc. Assim, um tipo textual pode aparecer em qualquer gênero textual, da mesma forma que um único gênero pode conter mais de um tipo textual. Ou seja, uma carta pode ter passagens narrativas, descritivas, injuntivas e assim por diante.

Metas educacionais

O ensino da leitura e a produção de textos, pela perspectiva dos gêneros, apontam que os resultados são mais satisfatórios quando o aluno entra em contato, desde cedo, com uma grande diversidade textual e pretendem alcançar os seguintes objetivos:

- gerar situações de pesquisa em jornais, revistas, livros ou internet, ressaltando a variedade de fontes e de textos encontrados, para que o aluno reconheça suas diferenças, bem como sua origem;
- estimular a capacidade criativa e suas várias formas de apresentação;
- incentivar, a partir do conhecimento dos gêneros, as diversas formas de expressão da língua.

Para usar em sala de aula

1) Jogo de gêneros

Todos vão escrever sobre um mesmo tema, mas de diferentes maneiras. O tema é Vida saudável. Pode ser em forma de música, de poema, de reportagem, de conto, de vídeo, de propaganda ou qualquer outra.

2) Jogo dos bons amigos

Cada um deve escrever os nomes de seus melhores amigos, suas idades, suas qualidades e algumas curiosidades. Depois, todos trocarão entre si o que escreveram.

3) Conto de fadas

Após assistir a *Turma da Biblioteca*, os alunos podem criar um conto de fadas, a partir da série. Sugestões: a biblioteca se transformaria em um castelo, os livros, em guardiões do baú, e nossos bons amigos (Jéssica, Geysa, Maiquel e Emerson), em heróis. Emerson, em vez de uma cadeira de rodas, poderia estar montando um belo cavalo! No final, cada um lê seu texto em voz alta.

Leitura de apoio

Felpe Filva, de Eva Furnari. Editora Moderna. Esta é a história do Felpe, um coelho po-

Reprodução



eta um pouco neurótico. Um dia, ele recebeu a carta de uma fã que discordava dos seus poemas, a Charlô. Felpe ficou muito indignado, e isso deu início a uma correspondência entre os dois.

O livro conta essa história de maneira divertida, usando os mais variados gêneros de texto: poema, fábula, carta, manual, receita e até autobiografia, permitindo, assim, que o leitor entre em contato com as diversas funções da escrita.



Charada

Coerência e coesão textual



Alberto Jacob Filho

Conquistar habilidades de leitura e de escrita é um processo gradual. A proposta é levar o aluno a desenvolver, aos poucos, seu potencial, por meio de exercícios como: antecipações a partir do conhecimento prévio que ele possui sobre o tema, o autor ou o título; apreensão do tema e da estrutura global do texto; levantamento de hipóteses, captando o que não está explícito e, com base na coerência interna do texto, prevendo o que está por vir; estabelecimento de relações de causa e consequência, de temporalidade e de espacialidade; comparação; transferência de uma situação para outra; síntese; generalização; proposição de relações entre forma e conteúdo.

Conceitos-chave

Coesão

É o uso de ferramentas que permitem manter a linha de raciocínio, unindo as diferentes partes do texto.

Coerência

A presença da coerência é a maior prova de que se conseguiu a unidade textual. Se a unidade textual estiver comprometida com falhas de conexão, a coerência também será prejudicada.



Metas educacionais

Escrever é comunicar-se, é interagir. Comunica-se, interage quem tem o que dizer, a quem dizer e um objetivo que pretende alcançar por meio da interlocução. Sendo assim, as metas educacionais de produção de texto são:

- despertar o interesse dos alunos em usar a escrita como uma forma de comunicação e de interlocução;
- desenvolver nos alunos as habilidades do uso adequado da escrita, como forma de comunicação e de interlocução;
- utilizar recursos discursivos e linguísticos que deem ao texto, de acordo com seu gênero e seus objetivos, organização, unidade, informatividade, coerência, coesão, clareza e concisão.

O que escrever, para que e para quem

O processo de produção de texto é, na maior parte das vezes, individual, porque fundamentalmente individual é o ato de escrever, mas pode-se também propor, em aula, a construção de um texto em conjunto, que leva os alunos a explicitar os processos de produção da escrita; a confrontar diferentes alternativas para a expressão linguística de pensamentos, ideias e sentimentos; e a selecionar as alternativas melhores ou as mais adequadas.

Para usar em sala de aula

1) Juramento profissional

Cada aluno deve narrar o que quer ser quando crescer e como vai contribuir para o mundo e a sociedade com isso.

2) Charada

Construir uma charada sobre seus antepassados: avôs, avós, bisavôs, bisavós. No final, trocar o texto com os colegas da turma.

3) Juramento de Hipócrates

O Juramento de Hipócrates (abaixo) é o principal juramento dos médicos. A proposta é a de que os alunos tentem reescrevê-lo em uma linguagem mais atual. Devem pesquisar na internet e no dicionário as palavras que não souberem e, ao término, ler seu texto para a turma.

Eu juro, por Apolo, médico, por Esculápio, Higeia e Panaceia, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue: estimar, tanto quanto a meus pais, aquele que me ensinou esta arte; fazer vida comum e, se necessário for, com ele partilhar meus bens; ter seus filhos por meus próprios irmãos; ensinar-lhes esta arte, se eles tiverem necessidade de aprendê-la, sem remuneração e nem compromisso escrito; fazer participar dos preceitos, das lições e de todo o resto do ensino, meus filhos, os de meu mestre e os discípulos inscritos segundo os regulamentos da profissão, porém, só a estes.

Aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém. A ninguém darei por prazer, nem remédio mortal nem um conselho que induza a perda. Do mesmo modo não darei a nenhuma mulher uma substância abortiva. Conservarei imaculada minha vida e minha arte. Não praticarei a talha, mesmo sobre um cálculo confirmado; deixarei essa operação aos práticos que disso cuidam. Em toda a casa, aí entrarei para o bem dos doentes, mantendo-me longe de todo o dano voluntário e de toda a sedução sobretudo longe dos prazeres do amor, com as mulheres ou com os homens livres ou escravizados.

Àquilo que no exercício ou fora do exercício da profissão e no convívio da sociedade, eu tiver visto ou ouvido, que não seja preciso

divulgar, eu conservarei inteiramente secreto. Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja dado gozar felizmente da vida e da minha profissão, honrado para sempre entre os homens; se eu dele me afastar ou infringir, o contrário aconteça.

Leitura de apoio

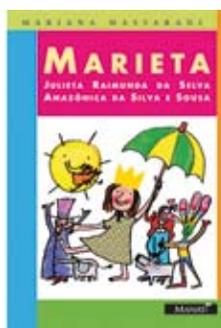
Reprodução



Sua Alteza a Divinha, de Angela Lago. Editora RHJ.

O texto é um conto folclórico que desperta com humor a curiosidade e a reflexão. Os recursos tecnológicos e a criatividade das ilustrações se entrelaçam com a transitoriedade do texto, valorizando e contextualizando os personagens no desenrolar da história.

Reprodução

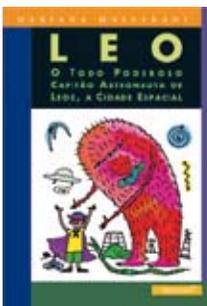


Marieta Julieta Raimunda da Selva Amazônica da Silva e Sousa, de Mariana Massarani. Editora Manati.

Onde começa nosso mundo? Onde começa o mundo dos outros? Onde termina a realidade? Onde

começa a imaginação? Você já teve vontade de entrar escondido na cabeça de alguém? A autora conseguiu o impossível e ainda registrou tudo o que se passa no mundo de uma pessoa importantíssima – Marieta.

Reprodução



Leo, o Todo Poderoso Capitão Astronauta de Leox, a Cidade Espacial, de Mariana Massarani. Editora Manati.

A autora registra tudo o que se passa no mundo do divertido Leo.



Grafias

Criação textual



Alberto Jacob Filho

A prática de uso da escrita diferencia-se dos tradicionais exercícios de redação escolar, atividade em que o aluno escreve sobre um tema proposto. Os objetivos específicos da criação de textos estão relacionados à função da escrita, ao gênero do texto, aos objetivos da produção e aos interlocutores pretendidos. A intenção é utilizar recursos discursivos e linguísticos que deem ao texto, de acordo com seu gênero e seus objetivos, organização, unidade, informatividade, coerência, coesão, clareza, concisão, como já dissemos no capítulo anterior.

Concatenar as ideias também é importante. Isso requer capacidade de refletir (selecionar,

ordenar e associar impressões a partir da observação) em uma estrutura de pensamento, em um texto adequado a um contexto de comunicação. Sem isso, não há como escrever com eficácia. No entanto, tal capacidade não é inata; ela se dá por meio de um processo de aprendizagem e de prática.

Conceitos-chave

Memória

Recorremos aqui ao livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* (1995), de Mem Fox, para ilustrar o que o filósofo alemão Walter

Benjamin nos ensina no ensaio *Sobre o Conceito de História* e que confirma tão profundamente a concepção do tempo em nossa memória:

Um resumo da história

Guilherme Augusto Araújo Fernandes e Antônia Maria Diniz Cordeiro, identificados pelo nome (cada um tinha quatro nomes) representam, na construção desta história, um encontro entre o passado e o presente, eternizados pela força encantadora dos objetos, pelas coisas, pela materialização da memória. Guilherme – o menino – investiga, num asilo de velhos, a palavra “memória” e sua significação. A partir das referências que descobre pelo discurso dos outros velhos do asilo, ele junta os objetos (alegorias da memória) numa cesta que sua experiência permite: conchas, marionete, medalha, bola de futebol, ovo ainda quente, cada qual despertando um sentido. E, assim, Dona Antônia – a velha – reconstrói, a partir de suas (outras) experiências, a memória perdida, ruínas que, fantasmagoricamente, reaparecem no tempo.

É na força do presente de Guilherme Augusto que Dona Antônia revê seu passado oculto, agora achado. É a intensidade dessa revelação que, para Walter Benjamin, vive a história como um tempo a ser reinaugurado em cada momento que se fizer explodir.

Metas educacionais

- criar oportunidades para que os alunos descubram a expressão escrita como forma de comunicação e de interlocução;
- desenvolver nos alunos as habilidades de uso adequado da escrita como forma de comunicação;

- elaborar textos de acordo com suas condições de produção: função da escrita, gênero do texto, objetivos da produção do texto, interlocutores pretendidos;
- utilizar recursos discursivos e linguísticos que deem ao texto, a partir de seu gênero e de seus objetivos: organização, unidade, informatividade, coerência, coesão, clareza, concisão;
- utilizar recursos gráficos que orientem adequadamente a leitura e interpretação do interlocutor.

Para usar em sala de aula

1) Exercício de memória

Explorar as memórias dos próprios personagens de *Turma da Biblioteca*. Por exemplo, lembrar flashes da vida difícil de Geysa, as angústias do cadeirante Emerson, a preocupação de Jéssica com o futuro... Enfim, partir da riqueza desses personagens tão diferentes, mas que fazem parte de um grupo, e mostrar como a escrita, quando nasce de uma experiência e de um conhecimento, se potencializa e enriquece.

2) Pesquisa

Procurar na biblioteca, com a ajuda do professor, livros de diferentes características: autobiográficos, biográficos e de memória. Ler um pequeno trecho de cada um e tentar identificar as diferenças entre esses gêneros literários. Escrever as conclusões.

3) Pensar em alguém

Pensar em uma pessoa que admirem muito. O que dizer sobre ela? O que é importante para eternizá-la em um registro? Pensamento organizado, escrever, fazendo uma pequena biografia da pessoa.

4) Livro de memórias

Muitas vezes, no dia a dia, anotamos em agenda ou diário o que temos a fazer ou, simplesmente, pensamentos que nos ocorrem. Que tal traduzir tudo isso em um belís-

simo texto de memórias? Os alunos devem dizer como se sentem diante da vida, de suas atitudes incompreendidas, de sua rotina. Vão refletir e escrever sobre seus medos ou sobre suas conquistas, como preferirem. Ao final, poderão ler para a turma, se quiserem.

Leitura de apoio

Do mesmo modo que Mem Fox, Manoel de Barros, em *Memórias Inventadas*, nos inspira a pensar melhor sobre o sentido da memória. No livro, ele a redimensiona, fazendo-nos supor que lembrar é também inventar:

Roger Rössing



Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não

havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

Narrador e autor, identificados na descrição de uma vida que poderia ter sido, mas não foi, assumem a traquinagem com as palavras (e os gêneros literários!) e a construção de uma linguagem (também inventada) destituída de regras e de sintaxe formal e cheia de neologismos: “comparamentos”, “crianceiras”. Manoel de Barros imprime em sua obra a valorização de objetos, de animais, de homens humildes e de espaços desligados da produção capitalista – lagartixas, formigas, parafusos, latas, sabugo, gafanhoto – e dedica grande consideração a tudo isso, mesmo (e principalmente) ao que se veja em estado de ruína. Assim, o autor nos leva a pensar que a memória é a ruína de sua própria biografia, uma biografia que se resume a tentar achar restos de si mesmo.

Leia, também, *Autorretrato Falado*, do mesmo autor:

Venho de um Cuiabá de garimpos e de ruelas entortadas.

*Meu pai teve uma venda no Beco da Mari-
nha, onde nasci.*

*Me criei no Pantanal de Corumbá entre bi-
chos do chão, aves, pessoas humildes, árvo-
res e rios.*

*Aprecio viver em lugares decadentes por
gosto de estar entre pedras e lagartos.*

*Já publiquei 10 livros de poesia: ao publicá-
los me sinto meio desonrado e fujo para o
Pantanal onde sou abençoado a garças.*

*Me procurei a vida inteira e não me achei
— pelo que fui salvo.*

*Não estou na sarjeta porque herdei uma fa-
zenda de gado.*

Os bois me recriam.

Agora eu sou tão ocaso!

*Estou na categoria de sofrer do moral porque
só faço coisas inúteis.*

No meu morrer tem uma dor de árvore.

Dúvidas

Pontuação



Alberto Jacob Filho

Pontuar é fundamental. Um texto corretamente pontuado não dá margem a ambiguidades e a confusões. Neste capítulo, vamos fazer uma reflexão sobre os usos da língua, suas intenções e sua funcionalidade, principalmente ao cuidarmos do discurso para o outro.

Quando nos comunicamos, selecionamos e combinamos as palavras para formar frases. Na língua falada, simultaneamente ao processo de criar as frases, incorporamos recursos próprios da língua oral, como pausas, entonações, altura de voz, interrupções bruscas, sons inarticulados (ruídos) e silêncios. Esses recursos, dependendo de como são empregados, podem contribuir tanto para a estru-

turação da frase em si como para tornar mais eficiente e expressivo o ato da comunicação. Na língua escrita, certos recursos da língua oral – principalmente as pausas e entonações – são apresentados, embora de forma imperfeita, pelos sinais de pontuação.

Conceitos-chave

Ponto

Indica o término de uma frase declarativa de um período simples ou composto.

Ex.: *Desejo-lhe uma feliz viagem.*

A casa, quase sempre fechada, parecia abandonada, no entanto tudo no seu interior era conservado com primor.

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas.

Ex.: fev. = fevereiro;

hab. = habitante;

rod. = rodovia.

O ponto que é empregado para encerrar um texto escrito recebe o nome de ponto final.

Ponto e vírgula

Assinala uma pausa maior do que a da vírgula, praticamente uma pausa intermediária entre o ponto e a vírgula. É utilizado para:

a) separar orações coordenadas que tenham um certo sentido ou aquelas que já apresentem separação por vírgula.

Ex.: *Criança, foi uma garota sapeca; moça, era inteligente e alegre; agora, mulher madura, tornou-se uma dodivanas.*

b) separar vários itens de uma enumeração.

Ex.: Art. 206. *O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:*

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - gratuidade do ensino em estabelecimentos oficiais.

(Constituição da República Federativa do Brasil)

Dois pontos

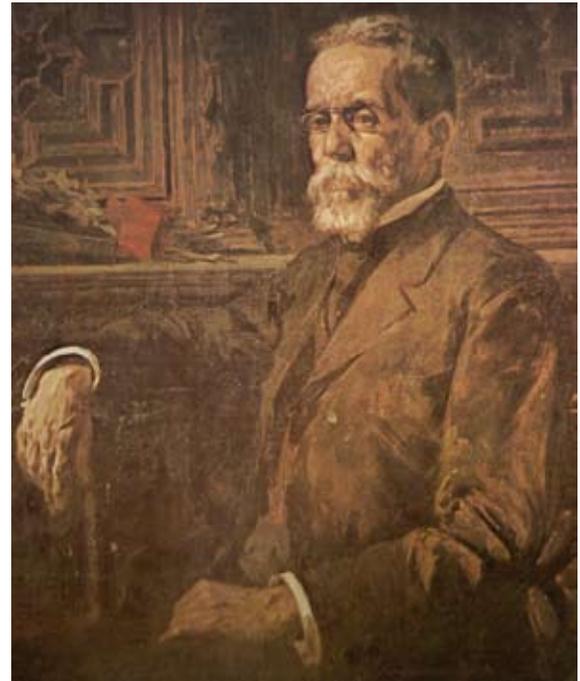
São empregados para:

a) uma enumeração.

Ex.: (...) *Rubião recordou a sua entrada no escritório do Camacho, o modo porque falou: e daí tornou atrás, ao próprio ato.*

Estirado no gabinete, evocou a cena: o menino, o carro, os cavalos, o grito, o salto que deu, levado de um ímpeto irresistível...

(Machado de Assis, *Quincas Borba*)



Henrique Bernardelli

b) uma citação.

Ex.: *Visto que ela nada declarasse, o marido indagou:*

– *Afinal, o que houve?*

c) um esclarecimento.

Ex.: *Joana conseguira enfim realizar seu desejo maior: seduzir Pedro. Não porque o amasse, mas para magoar Lucila.*

Observe, abaixo, que os dois pontos são também usados na introdução de exemplos, notas ou observações.

Parônimos são vocábulos diferentes na significação e parecidos na forma.

Ex.: *ratificar/retificar, censo/senso, discriminar/discriminar, etc.*

Nota:

A preposição “per”, considerada arcaica, somente é usada na frase “de per si” (= cada um por sua vez, isoladamente).

Observação:

Na linguagem coloquial, pode-se aplicar o grau diminutivo a alguns advérbios: *cedinho, longinho, melhorzinho, pouquinho, etc.*

Atenção!

A invocação em correspondência (social ou comercial) pode ser seguida de dois pontos ou de vírgula.

Ex.: *Querida amiga:*

Prezados senhores,

Ponto de interrogação

Indica uma pergunta direta, ainda que esta não exija resposta:

Ex.: *O criado pediu licença para entrar:*

- *O senhor não precisa de mim?*
- *Não, obrigado. A que horas janta-se?*
- *Às cinco, se o senhor não der outra ordem.*
- *Bem.*
- *O senhor sai a passeio depois do jantar? De carro ou a cavalo?*
- *Não.*

(José de Alencar, *Senhora*)

Ponto de exclamação

Marca o fim de qualquer enunciado com entonação exclamativa, que normalmente exprime admiração, surpresa, assombro, indignação, etc.

Ex.: – *Viva o meu príncipe! Sim, senhor...*

Eis aqui um comedouro muito compreensível e muito repousante, Jacinto!

– *Então janta, homem!*

(Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*)

Atenção!

O ponto de exclamação é também usado com interjeições e locuções interjetivas:

Ex.: *Oh!*

Valha-me Deus!

Vírgula

Uma breve pausa que é utilizada para:

a) separar os elementos mencionados numa relação.

Ex.: *A nossa empresa está contratando engenheiros, economistas, analistas de sistemas e secretárias.*

O apartamento tem três quartos, sala de visitas, sala de jantar, área de serviço e dois banheiros.

Mesmo que o **e** venha repetido antes de cada um dos elementos da enumeração, a vírgula deve ser empregada.

Ex.: *Rodrigo estava nervoso. Andava pelos cantos, e gesticulava, e falava em voz alta, e ria, e roía as unhas.*

b) isolar o vocativo.

Ex.: *Cristina, desligue já esse telefone!*

Por favor, Ricardo, venha até o meu gabinete.

c) isolar o aposto.

Ex.: *Dona Sílvia, aquela mexeriqueira do quarto andar, ficou presa no elevador.*

Rafael, o gênio da pintura italiana, nasceu em Urbino.

d) isolar palavras e expressões explicativas (“a saber”, “por exemplo”, “isto é”, “ou melhor”, “aliás”, “além disso”, etc.).

Ex.: *Gastamos R\$ 5.000,00 na reforma do apartamento, isto é, tudo o que tínhamos economizado durante anos.*

Eles viajaram para a América do Norte, aliás, para o Canadá.

e) isolar o adjunto adverbial antecipado.

Ex.: *Lá no sertão, as noites são escuras e perigosas.*

Ontem à noite, fomos todos jantar fora.

f) isolar elementos repetidos.

Ex.: *O palácio, o palácio está destruído.*

Estão todos cansados, cansados de dar dó!

g) isolar, nas datas, o nome do lugar.

Ex.: *São Paulo, 22 de maio de 1995.*

Roma, 13 de dezembro de 1995.

h) isolar os adjuntos adverbiais.

Ex.: *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Os candidatos serão atendidos, das sete às onze, pelo próprio gerente.

i) isolar as orações coordenadas, exceto as introduzidas pela conjunção “e”.

Ex.: *Ele já enganou várias pessoas, logo não é digno de confiança.*

Você pode usar o meu carro, mas tome muito cuidado ao dirigir.

Não compareci ao trabalho ontem, pois estava doente.

j) indicar a elipse de um elemento da oração.

Ex.: *Foi um grande escândalo. Às vezes gritava; outras, estrebuchava como um animal.*

Não se sabe ao certo. Paulo diz que ela se suicidou, a irmã, que foi um acidente.

k) separar o paralelismo de provérbios.

Ex.: *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

Ouvir cantar o galo, sem saber onde.

l) suceder a saudação em correspondência (social e comercial).

Ex.: *Com muito amor,*

Respeitosamente,

m) isolar as orações adjetivas explicativas.

Ex.: *Marina, que é uma criatura maldosa, “puxou o tapete” de Juliana lá no trabalho.*

Vidas Secas, que é um romance contemporâneo, foi escrito por Graciliano Ramos.

n) isolar orações intercaladas.

Ex.: *Não lhe posso garantir nada, respondi secamente.*

O filme, disse ele, é fantástico.

Ilustração: GEA / MultiRio

*>Lorem ipsum dolor sit amet,
consectetur adipiscing elit, sed do
eiusmod tempor incididunt ut
labore et dolore magna aliqua. Ut
enim ad minim veniam, quis
nostrud exercitation ullamco
laboris nisi ut aliquip ex ea
commodo consequat. Duis aute
irure dolor in reprehenderit in
voluptate velit esse cillum dolore eu
fugiat nulla pariatur.*

Um pouco mais sobre vírgulas

Pode ser uma pausa... ou não.

Ex.: *Não, espere. / Não espere.*

Pode sumir com seu dinheiro.

Ex.: *23,4 / 2,34.*

Pode ser autoritária.

Ex.: *Aceito, obrigado. / Aceito obrigado.*

Pode criar heróis.

Ex.: *Isso só, ele resolve. / Isso só ele resolve.*

E vilões.

Ex.: *Esse, juiz, é corrupto. / Esse juiz é corrupto.*

Ela pode ser a solução.

Ex.: *Vamos perder, nada foi resolvido. / Vamos perder nada, foi resolvido.*

A vírgula muda uma opinião.

Ex.: *Não queremos saber. / Não, queremos saber.*

Ou seja, uma vírgula muda tudo!

A vírgula fatal

A czarina russa Maria Feodorovna certa vez salvou a vida de um homem, apenas mudando a vírgula de sua sentença de lugar. Muito inteligente, ela, que não concordava com a decisão de seu marido, Alexandre III, usou o artifício a seguir.

O czar enviou o prisioneiro para a prisão e morte no calabouço da Sibéria. No fim da ordem de prisão, vinha escrito: “Perdão impossível, enviar para Sibéria”. Maria ordenou que redigissem nova ordem e, fingindo ler o documento original, mudou uma vírgula, transformando a ordem em: “Perdão, impossível enviar para Sibéria”. O prisioneiro foi libertado.

Aspas

São usadas para indicar:

a) citação de alguém.

Ex.: *“A ordem para fechar a prisão de Guantánamo mostra um início firme. Ainda na edição, os 25 anos do MST e o bloqueio de 2 bilhões de dólares do Opportunity no exterior.”*

(Carta Capital on-line, 30/01/09)

b) expressões estrangeiras, neologismos, gírias.

Ex.: *Nada pode com a propaganda de “outdoor”.*

Reticências

Indicam supressão de um trecho, interrupção ou dão ideia de continuidade ao que se estava falando.

Ex.: (...) *Onde está ela, Amor, a nossa casa, O bem que neste mundo mais invejo?*

O brando ninho aonde o nosso beijo

Será mais puro e doce que uma asa? (...)

(Florbela Espanca, poema *A Nossa Casa*)

E então, veio um sentimento de alegria, paz, felicidade...

Eu gostei da nova casa, mas do quintal...

Parênteses

São usados quando se quer explicar melhor algo que foi dito ou para fazer simples indicações.

Ex.: *Ele comeu, e almoçou, e dormiu, e depois saiu (o e aparece repetido e, por isso, usam-se vírgulas).*

Metas educacionais

- compreender as relações entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico da língua portuguesa;
- identificar o uso adequado dos recursos da língua escrita para registrar a acentuação e a pontuação corretas da língua portuguesa e para representar aspectos prosódicos da fala.

Para usar em sala de aula



Cena do especial *Maria Clara Machado*, da MultiRio

Pluft, o Fantasminha, texto de Maria Clara Machado criado em 1955, inaugura uma linguagem teatralmente elaborada para crianças. Com ela, podemos exercitar, de forma bem divertida e interessante, a pontuação da nossa língua e verificar como essa pontuação é importante para uma comunicação eficiente entre as pessoas. Abaixo, um trecho dessa peça, que os alunos lerão, em voz alta, com seus amigos. Cada um deve interpretar um personagem e caprichar na pontuação. Vale exagerar mesmo!

MARIBEL - Socorro! Socorro! Socorro! João! Julião! Sebastião! Meus amigos... Me salvem!

(Sempre choramingando, Maribel, com muito medo, procura conhecer o sótão, olhando amedrontada para todos os lados; Pluft, que estava à espreita, aproxima-se devagarzinho e muito receoso)

*PLUFT - Oh!
(A menina, ao ver Pluft, desmaia)*

MÃE - (Chegando) Ora, Pluft, quem mandou você aparecer?... Assustou a menina...

PLUFT - (Agarrando-se à saia da mãe) E agora?

MÃE - (Coloca a menina na cadeira) Agora temos que esperar que ela volte do desmaio. Coitadinha! (Saindo) Vou procurar algum remédio para desmaio de gente. Fica aí tomando conta dela.

PLUFT - (Segurando a mãe) Eu?!

MÃE - (Voltando-se) Você, sim.

PLUFT - Mas eu tenho medo de gente, mamãe.

MÃE - Você tem medo dela?

PLUFT - Dela... Muito não. Mas dele, tenho sim!...

MÃE - (De dentro) Ele não volta tão cedo. A cidade é muito longe.

(Pluft fica na dúvida, vendo se segue a mãe ou não. Por fim, na ponta dos pés, trata de observar a menina com curiosidade e medo. Um momento a menina se mexe, e Pluft sai correndo, quase sem fôlego, voltando depois para tornar a observá-la. Pega nos cabelos da menina e sente prazer)

PLUFT - Gente é engraçado!... (Continua a observá-la até que a menina torna a mexer) Mamãe!

MÃE - (De dentro) Que é, Pluft?

PLUFT - Você está aí?

MÃE - Estou.

PLUFT - (Aliviado) Ah!... (A menina torna a mexer-se) Mamãe, quem sabe a gente pega isso aí e joga lá na noite e depois fechamos bem a porta e botamos o baú de tio Gerúndio, com tio Gerúndio e tudo dentro, bem em frente da porta para o marinheiro não voltar, e ficamos aqui, nós sozinhos, só fantasmas e gente não...

MÃE - (De dentro) Pluft, quem te ensinou a ser ruim assim? Foi o tio Gerúndio?

PLUFT - (Sempre olhando a menina em atitude de defesa) Não é ruindade não, mamãe... É medo!

MÃE - (De dentro) Se seu pai fosse vivo! Que fantasma corajoso ele era. (Aparecendo só de rosto e tornando a desaparecer) Você quer mesmo jogar esta menina fora pela janela, Pluft?

PLUFT - Acho que não quero, não. Mas ela podia bem ir logo embora. (Rodeia a menina, muito aflito) Você não acha, mamãe? (Pluft levanta a cabeça da menina) Oooooooh!

MÃE - (De dentro) O que é, Pluft?

PLUFT - (Radiante) Mas gente é uma gracinha, mamãe...

MÃE - (De dentro) Nem sempre, meu filho, nem sempre...

(Pluft se aproxima e cutuca a menina. Esta torna a se mexer um pouco... Pluft se assusta menos. Maribel torna a ver Pluft, se assusta, mas se levanta e fita Pluft, espantada. Os dois ficam, um em frente do outro, guardando certa distância, em atitude de mútua contemplação. Silenciosos, com a respiração presa, ficam assim por algum tempo)

MARIBEL - (Tensa) Como é que você se chama?

PLUFT - (Tenso) Pluft. E você?

MARIBEL - Eu sou Maribel.

PLUFT - Você é gente, não é?

MARIBEL - Sou. E você?

PLUFT - Eu sou fantasma.

MARIBEL - Fantasma, mesmo?

PLUFT - É. Fantasma mesmo. Mamãe também é fantasma.

MARIBEL - (Relaxando) Engraçado, de você eu não tenho medo!...

PLUFT - (Idem) Nem eu de você. Engraçado...

MÃE - (De dentro) Pluft!

PLUFT - É minha mãe. Com licença. Que é, mamãe?

MÃE - (De dentro) Com quem é que você está falando?

PLUFT - Com Maribel.

MÃE - Com quem?

PLUFT - (Gabando-se) Ora, mamãe, com gente... (Aproximando-se mais da menina com ar de velha amizade) Com Maribel.

MÃE - Ah! Então ela já acordou?

MARIBEL - Mas sua mãe também é fantasma?

PLUFT - Claro, ora! (Ofendido) Você queria que ela fosse peixe?

1) A partir da leitura feita do texto teatral de Maria Clara Machado, os alunos devem refletir sobre como a pontuação é importante para a leitura e, em seguida, registrar suas reflexões.

2) Ao ler o texto abaixo, os alunos devem trocar a pontuação das falas e observar que mudanças ocorrem. O sentido mudou? Os alunos vão responder e registrar suas observações.

MÃE: Ah! Então ela já acordou?

MARIBEL: Mas sua mãe também é fantasma?

PLUFT: Claro, ora! Você queria que ela fosse peixe?

3) Experimente pedir aos alunos que leiam texto já meio apagado pelo tempo, fazendo as confusões evidentes sobre a sua pontuação, gerando dificuldades de compreensão da mensagem. As ambiguidades nesses casos são ótimas para ilustrar a importância da pontuação.

Leitura de apoio

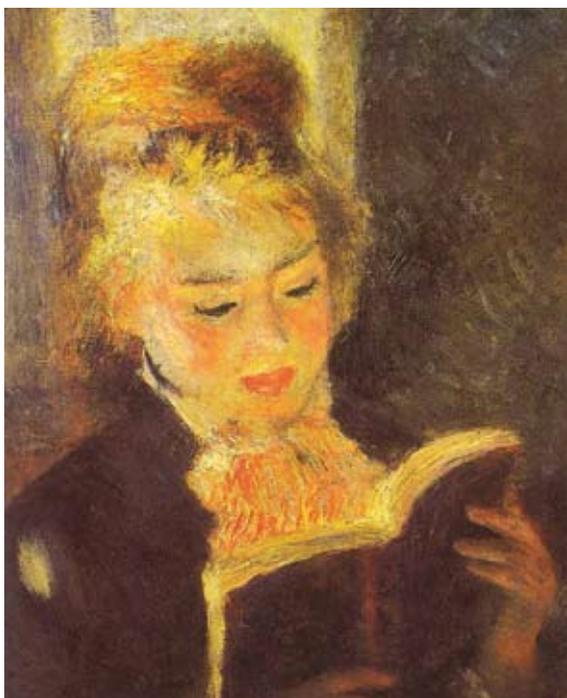
Para reforçar a importância do tema, vale a pena ler o texto abaixo:

Como surgiram os principais sinais de pontuação?

Foi um alívio. Até o século IV os textos eram escritos sem pontuação. “Tinham que ser interpretados”, conta o linguista Flávio Di Giorgi, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Não era fácil. No Oráculo de Delfos (século VII a.C.), um dos lugares da Antiguidade em que se faziam profecias consideradas divinas, ainda está escrito (em grego): “Ides voltarás não morrerás na guerra”. Quem lê entende que irá para a guerra e voltará a salvo. Era o contrário. Na verdade, queria dizer, se as vírgulas existissem: “Ides,

voltarás não (o não vem depois do verbo), morrerás na guerra”. Ou seja, vais morrer. Os primeiros sinais de pontuação surgiram no início do Império Bizantino (330 a 1453). Mas sua função era diferente das atuais. O que hoje é o ponto final servia para separar uma palavra da outra. Os espaços brancos entre palavras só apareceram no século VII, na Europa. Foi quando o ponto passou a finalizar a frase. (...) Os gráficos italianos também inventaram a vírgula e o ponto e vírgula no século XV (...). Os dois pontos surgiram no século XVI. O mais tardio foi a aspa, que surgiu no século XVII. Tudo foi ficando mais claro com o aumento da importância da escrita.

(Revista Superinteressante, São Paulo, Abril. Ano 11, nº 6, junho de 1997.)



Woman Reading, de Renoir

Ainda sobre pontuação

Um homem rico, sentindo-se morrer, pediu papel e pena, e escreveu assim: “Deixo os meus bens à minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do alfaiate nada aos pobres”. Não teve tempo de pontuar – e morreu. A quem ele deixava a fortuna que tinha? Eram quatro os concorrentes.

Chegou o sobrinho e fez estas pontuações numa cópia do bilhete: “Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate! Nada aos pobres!”.

A irmã do morto chegou, em seguida, com outra cópia do escrito, e pontuou-a deste modo: “Deixo os meus bens à minha irmã. Não a meu sobrinho! Jamais será paga a conta do alfaiate! Nada aos pobres!”.

Surgiu o alfaiate, que, pedindo a cópia do original, fez estas pontuações: “Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres!”.

O juiz estudava o caso, quando chegaram os pobres da cidade. Um deles, mais sabido, tomando outra cópia, pontuou-a assim: “Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do alfaiate? Nada! Aos pobres”.

Barulhinho bom

Acentuação



Alberto Jacob Filho



No episódio 6 da série televisiva *Turma da Biblioteca*, Jéssica, Geysa, Maiquel e Emerson se veem às voltas com a pronúncia correta das palavras: é o mote para o estudo da acentuação gráfica. Vamos mostrar, neste capítulo, a classificação das palavras, de acordo com a posição da sílaba tônica (oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas), e o emprego adequado dos acentos. Dessa forma, o aluno pode construir o conhecimento gramatical, partindo da observação, em textos reais, da regularidade de certos fenômenos gramaticais, ou do confronto de certa regularidade com outra, até chegar à inferência de leis e princípios que regem a língua, particularmente a língua escrita.

Para pronunciar corretamente as palavras, precisamos estar atentos à presença – e também à ausência! – dos acentos gráficos. É para isso que servem, na prática, as regras de acentuação: elas informam ao leitor como devem ser pronunciadas as palavras escritas.

Conceitos-chave

Acentuação tônica

Investiga a intensidade com que pronunciamos as sílabas de cada palavra. Aquelas so-

bre as quais recai a maior intensidade são chamadas de tônicas; as demais, de átonas.

De acordo com a posição da sílaba tônica, os vocábulos da língua portuguesa são classificados em:

Oxítonos

Sua sílaba tônica é a última.

Ex.: coração, procurar, pior, ruim, sabiá, também.

Paroxítonos

Sua sílaba tônica é a penúltima.

Ex.: álbum, estrada, desse, posso, retrato, sabia.

Proparoxítonos

Sua sílaba tônica é a antepenúltima.

Ex.: amássemos, Antártica, lágrima, úmido, xícara.

Observação:

Para os monossílabos, a classificação é diferente: tônicos são aqueles pronunciados intensamente; e átonos são os pronunciados fracamente. Quando isolado, todo monossílabo se torna tônico. Por isso, para diferenciar os tônicos dos átonos e vice-versa, é necessário pronunciá-los numa sequência de palavras.

Observe os monossílabos tônicos destacados no trecho da música *Retrato em Branco e Preto*, de Chico Buarque de Holanda:

Sei que **não vai dar** em nada,

Seus segredos sei de cor.

Agora, nos mesmos versos, destacamos os monossílabos átonos:

Sei **que** não vai dar **em** nada,

Seus segredos sei **de** cor.

Acentuação gráfica

Na língua portuguesa, são utilizados os seguintes acentos:

Acento agudo (´)

Colocado sobre as letras **a**, **i**, **u** e na sequência **em**, indica que essas letras representam as vogais das sílabas tônicas.

Ex.: Amapá, saída, fúnebre, porém.

Colocado sobre as letras **e** e **o**, indica que representam as vogais tônicas com timbre aberto.

Ex.: médico, herói.

Acento grave (`)

Indica as diversas possibilidades de crase da preposição **a** com artigos e pronomes.

Ex.: à, às, àquele, àquela, àquilo.

Acento circunflexo (^)

Indica que as letras **e** e **o** representam vogais tônicas com timbre fechado. Esse acento surge sobre a letra que representa a vogal tônica, normalmente diante de **m**, **n** ou **nh**.

Ex.: mês, pêssego, compôs, câmara.

Til (~)

Considerado um acento fonético, é utilizado para anasalar as vogais **a** e **o**.

Ex.: órfã, mãozinha, corações, põe.

Também indica a vogal tônica em casos em que a acentuação gráfica é obrigatória.

Ex.: rã, maçã.

Regras fundamentais

Proparoxítonas

São graficamente acentuadas.

Ex.: árvore, álibi, lâmpada, pêssego, quisésemos, África.

Paroxítonas

São acentuadas as palavras paroxítonas que apresentam as seguintes terminações:

i(s), **us**



Ex.: vírus, bônus, júri, lápis, tênis.

um, uns

Ex.: fórum, álbum, álbuns, médium.

r

Ex.: caráter, mártir, revólver.

x

Ex.: tórax, ônix, látex.

n

Ex.: hífen, pólen, abdômen.

l

Ex.: fácil, amável, indelével.

Sônia Romanoff



Kulikov Writer E.N.Chirikov 1904

ditongos (crescentes e decrescentes)

Ex.: Itália, Áustria, memória, cárie, róseo, Ásia, fáceis, férteis, imóveis, fósseis, jérsei.

ão(s)

Ex.: órgão, órgãos, sótão, sótãos.

ã(s)

Ex.: órfã, órfãs, ímã, ímãs.

ps

Ex.: bíceps, fórceps.

Oxítonas

São acentuadas as palavras oxítonas que apresentam as seguintes terminações:

a(s)

Ex.: maracujá, ananás.

e(s)

Ex.: café, cafês, você.

o(s)

Ex.: dominó, paletós, vovô, vovó.

em, ens

Ex.: armazém, vintém, armazéns, vinténs.

Essa regra aplica-se também aos seguintes casos:

a) monossílabos tônicos terminados em **a, e, o** (seguidos ou não de **s**)

Ex.: pá, pé, pó, pás, pés, pós, lê, vê, dê, hás, crês.

b) formas verbais terminadas em **a, e, o** tônicos seguidas de **lo, la, los, las**

Ex.: amá-lo, dizê-lo, repô-la, pô-lo.

Regras especiais

Os ditongos de pronúncia aberta **eu, ei, oi** recebem acento agudo na vogal nas palavras oxítonas.

Ex.: céu, chapéu, anéis, coronéis, herói, anzóis, caracóis.

Coloca-se acento nas vogais **i** e **u** que formam hiato com a vogal anterior.

Ex.: sa-í-da, sa-ís-te, sa-ú-de, ba-la-ús-tre, sa-í-mos, ba-ú, ra-í-zes, ju-í-zes, Lu-ís, sa-í, pa-ís, He-lo-í-sa.

Não se acentuam **i** e **u** que formam hiato quando seguidos, na mesma sílaba, de **l, m, n, r** ou **z**.

Ex.: Ra-ul, ru-im, con-tri-bu-in-te, sa-ir-des, ju-iz.

Não se acentuam as letras **i** e **u** dos hiatos se estiverem seguidas do dígrafo **nh**.

Ex.: ra-i-nha, ven-to-i-nha.

Não se acentuam as letras **i** e **u** dos hiatos se vierem precedidas de vogal idêntica.

Ex.: xi-i-ta, pa-ra-cu-u-ba.

Atenção!

As palavras proparoxítonas receberão acento, já que a regra de acentuação das proparoxítonas prevalece sobre a dos hiatos.

Ex.: fri-ís-si-mo, se-ri-ís-si-mo.



Os verbos **ter** e **vir** levam acento circunflexo na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

Ex.: ele tem, eles têm; ele vem, eles vêm.

Os verbos derivados de **ter** e **vir** levam acento agudo na terceira pessoa do singular e acento circunflexo na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

Ex.: ele retém / eles retêm
ele intervém / eles intervêm

(site Brasilescola)

Metas educacionais

- compreender as relações entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico da língua portuguesa.
- identificar o uso adequado dos recursos da língua escrita para registrar a acentuação e a pontuação corretas da língua portuguesa e para representar aspectos prosódicos da fala.

Para usar em sala de aula

1) Telefone sem fio

Essa brincadeira pode ser divertida e bem instrutiva para as aulas de Língua Portuguesa. A turma se divide em dois grupos: o verde e o amarelo. O professor, em voz baixa, diz uma palavra no ouvido de um aluno do grupo verde. Esse aluno passa para um colega, e assim por diante até o último integrante do grupo. O professor, então, sorteia um aluno (pode ser pelo número da chamada) e pergunta qual foi a palavra transmitida; depois, se ela tem ou não acento; e, se tiver acento, qual é a regra que justifica essa acentuação. Se acertar todas as etapas, o grupo ganha ponto. Em seguida, a brincadeira é repetida no grupo amarelo.

Para a segunda atividade, leia o texto ao lado:

O que aconteceria com a Terra se a Lua não existisse?



Jon Sullivan

É difícil ter certeza de todas as consequências. Os cientistas sabem que se a Lua não existisse os dias teriam um pouco menos de 24 horas. Isso porque a Lua causa um efeito de marés, puxando a água dos oceanos, e assim produz um lentíssimo freamento na rotação do planeta. A ausência da Lua e das marés poderia alterar também outros fenômenos e até o modo de vida de alguns seres do planeta, mas não se pode prever exatamente que mudanças aconteceriam. Aos poucos a Lua e a Terra estão se afastando e os pesquisadores acreditam que, em 30 bilhões de anos, a Terra perderá seu satélite. Nesse tempo, outros fenômenos importantes devem ocorrer no Universo e, talvez, o nosso planeta fique bem diferente do que é hoje.

(Revista Recreio nº 322. Editora Abril.)

2) Classificação pela acentuação

Depois da leitura, os alunos devem retirar do texto todas as palavras acentuadas, classificá-las em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas e justificar suas acentuações.

3) O acento faz a diferença

Peça aos alunos que retirem o acento da palavra “marés” e registrem o que observam.

Leitura de apoio

Novamente, o que precisamos enfatizar é a passagem correta da comunicação oral para a

comunicação escrita. Há numerosas atividades de transposição da oralidade para a escrita, e talvez a melhor de todas seja a música, com rimas e refrões. Ao cantar, percebemos a tonicidade das palavras e conseguimos identificar sua classificação em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Os poemas também geram bons exercícios de acentuação gráfica.

Reprodução: Alice in Wonderland, de Peter Newell



Um exemplo de música que trabalha com as possibilidades fonéticas das palavras é *Canção da Falsa Tartaruga*, gravada por Adriana Calcanhoto. A música é de Cid Campos sobre a tradução que Augusto de Campos fez da canção de mesmo nome, contida no livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll:

Canção da Falsa Tartaruga

(trecho)

Que bela Sopa, de osso ou aveia,

A ferver na panela cheia!

Quem não diz: — Ave! Quem não diz: — Eia!

Quem não diz: — Opa! Que bela Sopa!

Sopa das sopas, que bela Sopa!

Que be_la So__opa!

So__pa, só__o So__pa

Que bela Sopa!

Que bela Sopa! Quem não se baba,

Quem não a papa! Quem não a gaba!



Sopa de letrinhas

Ortografia



Alberto Jacob Filho

Na série televisiva *Turma da Biblioteca*, a misteriosa amiga do baú estimula os personagens a utilizar o dicionário. É uma boa dica para o professor reforçar conceitos ortográficos e incentivar a produção de textos.

Neste capítulo, vamos focar o emprego do **r** e **rr**, do **j** ou **g**, do **s** ou **z**, do **x** e **ch**, procurando despertar o interesse do aluno em descobrir e usar a escrita, fundamentalmente, com as grafias corretas, como uma forma de comunicação eficiente, de interlocução e de imprimir uma função social importante à escrita.

“Ortografia” deriva das palavras gregas *ortho*, que significa “correto”, e *graphos*, que quer dizer “escrita”, ou seja, ortografia é a forma correta de escrever as palavras. Apesar de oficialmente sancionada, a ortografia não é mais do que uma tentativa de transcrever os sons de uma determinada língua em símbolos escritos. Essa transcrição, sempre por aproximação, raramente é perfeita e isenta de incoerências.



Conceitos-chave

Algumas regras ortográficas

Emprego do h

a) Quando a etimologia ou a tradição escrita do nosso idioma assim determina.

Ex.: homem, higiene, honra, hoje, herói.

b) No final de algumas interjeições.

Ex.: oh!, ah!.

c) Nos vocábulos compostos em que o segundo elemento com **h** se une por hífen ao primeiro.

Ex.: super-homem, pré-história.

d) Quando faz parte dos dígrafos **ch**, **lh**, **nh**.

Ex.: passarinho, palha, chuva.

O **h** é uma letra que se mantém em algumas palavras em decorrência da etimologia ou da tradição escrita do nosso idioma.

Emprego do s

a) Nos sufixos **ês**, **esa** e **isa**, usados na formação de palavras que indicam nacionalidade, profissão, estado social, títulos honoríficos.

Ex.: chinês, chinesa, burguês, burguesa, poetisa.

b) Nos sufixos **oso** e **osa** (quando significam “cheio de”), usados na formação de adjetivos.

Ex.: delicioso, gelatinosa.

c) Depois de ditongos.

Ex.: coisa, maisena, Neusa.

d) Nas formas dos verbos **pôr** e **querer** e seus derivados.

Ex.: puser, repusesse, quis, quisemos.

e) Nas palavras derivadas de uma primitiva grafada com **s**.

Ex.: análise - analisar - analisado.

pesquisa - pesquisar - pesquisado.

Emprego do z

a) Nos sufixos **ez** e **eza**, usados para formar substantivos abstratos derivados de adjetivos.

Ex.: rigidez (rígido), riqueza (rico).

b) Nas palavras derivadas de uma primitiva grafada com **z**.

Ex.: cruz - cruzeiro - cruzada - deslize - deslizar - deslizante.

Emprego dos sufixos ar e izar

Nos verbos derivados de palavras cujo radical contém **s**; caso contrário, emprega-se **izar**.

Ex.: análise - analisar.

eterno - eternizar.

Emprego das letras e e i

a) Algumas formas dos verbos terminados em **oar** e **uar** grafam-se com **e**.

Ex.: perdoem (perdoar), continue (continuar).

b) Algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer** e **uir** grafam-se com **i**.

Ex.: atraí (atrair), dói (doer), possui (possuir).

Emprego do x e ch

A letra **x** é usada:

a) Depois de ditongo.

Ex.: caixa, peixe, trouxa.

b) Depois de sílaba inicial **en**.

Ex.: enxurrada, enxaqueca.

Exceções: encher, encharcar, enchumaçar e seus derivados.

c) Depois de **me** inicial.

Ex.: mexer, mexilhão.

Exceção: mecha e seus derivados.

d) Palavras de origem indígena e africana.

Ex.: xavante, xangô.

Emprego do g

a) Nas terminações **ágio**, **égio**, **ígio**, **ógio**, **úgio**.

Ex.: prestígio, refúgio.

b) Nas terminações **agem, igem, ugem**.

Ex.: garagem, ferrugem.

Emprego do j

Em palavras de origem indígena e africana.

Ex.: pajé, canjica, jirau.

Emprego de s, c, ç, sc, ss

Verbos grafados com **ced** originam substantivos e adjetivos grafados com **cess**.

ceder - cessão.

conceder - concessão.

retroceder - retrocesso.

Exceção: exceder - exceção.

Verbos grafados com **nd** originam substantivos e adjetivos grafados com **ns**.

ascender - ascensão.

expandir - expansão.

pretender - pretensão.

Verbos grafados com **ter** originam substantivos grafados com **tenção**.

deter - detenção.

conter - contenção.

Equívocos comuns entre crianças do 3º ao 5º anos do Ensino Fundamental

Jogol ou **jogô** em vez de **jogou**.

Naviu em vez de **navio**.

Barriu em vez de **barril**.

Ao fazer uma análise linguística das relações entre sons e letras na língua portuguesa, Miriam Lemle, em seu *Guia Teórico do Alfabetizador*, sugere três tipos de correspondências existentes:

a) Cada letra é representada por um som e cada som é representado por uma letra.

b) Cada letra é representada por um som, de acordo com a posição (sacola, casa, massa) e um mesmo som é representado por diferentes letras, de acordo com a posição (zebra, casa).

Segundo Lemle, as formas de correspondências determinadas pela posição são regulares, portanto, passíveis de serem aprendidas por meio de uma regra e sistematicamente ensinadas.

c) A representação de um único som pode se dar por diferentes letras em uma mesma posição (raça/massa, seco/cebola).

Metas educacionais

- facilitar a tarefa do aluno leitor-escritor de reconhecer as palavras em sua forma correta;
- incentivar os alunos a perceber a importância do dicionário para resolver dificuldades ortográficas;
- sugerir atividades que ampliem o conhecimento ortográfico dos alunos em sua vida escolar e cotidiana;
- incentivar a produção textual dos alunos, de modo que a ortografia não seja um empecilho para o seu desenvolvimento.

Para usar em sala de aula

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré, nasceu a 5 de março de 1909 na Serra de Santana, pequena propriedade rural do município de Assaré, no Sul do Ceará. Filho de pequenos proprietários rurais, Patativa inspirou músicos da velha e da nova geração e rendeu livros, biografias, estudos em universidades estrangeiras e peças de teatro. Também pudera. Ninguém soube tão bem cantar em verso e prosa os contrastes do sertão nordestino e a beleza de sua natureza.



Leia este fragmento do poema *Linguagem dos Óio*, de Patativa do Assaré:

*Quem repara o corpo humano
E com cuidado nalisa,
Vê que o Autô Soberano
Lhe deu tudo o que precisa,
Os orgo que a gente tem
Tudo serve munto bem,
Mas ninguém pode negá
Que o Auto da Criação
Fez com maior perfeição
Os orgo visioná.*

(...)

*Os óios consigo tem
Incomparave segredo,
Tem o oiá querendo bem
E o oiá sentindo medo,
A pessoa apaixonada
Não precisa dizê nada,
Não precisa utilizá
A língua que tem na bôca,
O oiá de uma caboca
Diz quando qué namorá*

1) Troca de grafia

Algumas palavras do poema foram escritas do mesmo jeito que grupos de pessoas em nosso país falam. Os alunos devem reescrever essas palavras utilizando a grafia própria da língua padrão escrita.

2) Escrever como se fala

Proponha que seus alunos escrevam um texto de, no máximo, dez linhas exatamente do jeito que você fala. Em seguida, devem observar se houve enganos ortográficos. Depois, ler o texto de um colega. E concluir: por que a ortografia (escrita correta) da língua é importante?

3) Um jeito próprio de falar

Quinzinho foi visitar seu compadre, Zeca, le-

vando uma cesta de laranjas para ele. Como Zeca não estava em casa, Quinzinho deixou o presente com a empregada junto com o seguinte bilhete:

Ô Cumpadi! Tô com sordade di levá uma prosa com vosmicê. Trôxe intê essas frutas do meu pomar. Vorto aqui amanhã, pra sabê si vosmicê gostô du presente.

Quinzinho



Ilustração: GEA / MultiRio

Os alunos devem pesquisar com o professor por que a fala do Quinzinho é registrada dessa forma e comentar na turma.

Leitura de apoio

A utilização das palavras cruzadas como ferramenta didática procura criar oportunidades onde o desafio e a curiosidade são favorecidos, facilitando o trabalho de construção do conhecimento. Funciona como um apoio didático eficaz que inventa situações vivas e variadas a partir dos jogos, desenvolvendo as probabilidades do ensino da ortografia. A chave está na instalação dos diagramas.

Esquemáticos como “espaços fechados de escrita”, não há como preenchê-los escrevendo incorretamente. Esta perspectiva está circundada nos cruzamentos e na quantidade de quadinhos reservados para cada palavra.

(Amelia Hamze)

A utilização da cruzadinha poderia favorecer um momento lúdico e bastante criativo. Há duas possibilidades: os alunos preenchem uma cruzadinha pronta e, nesse caso, precisam resolver questões relativas a dúvidas ortográficas, ou criam uma cruzadinha, construindo enunciados relativos às suas dúvidas

Kallerna



sobre a professora misteriosa do programa *Turma da Biblioteca*. As palavras precisam fazer parte do contexto para dar sentido. Sugestões de palavras: misteriosa, cozinheira, neurologista, assombração, cadeado, fechadura, profissão, enfermeira, história, arrumação... De alguma forma, cada uma dessas palavras vai corresponder a uma regra ortográfica.



Passado, presente e futuro

Tempo verbal



Alberto Jacob Filho

Neste capítulo, vamos falar sobre o tempo na escrita e suas variações; ressignificar os aspectos gramaticais dessas flexões verbais em uma dimensão mais reflexiva, associada à construção do pensamento dos alunos e à prática da escrita. Devemos chamar a atenção dos alunos para mudanças de uma letra em uma palavra, como, por exemplo, “aconteceram - acontecerão”. Nesses casos, muda não só a grafia das palavras, como também o seu sentido e a sua funcionalidade. Pensar o tempo verbal como fundamentação do texto, construção frasal e base da significação textual.

Conceitos-chave

Modo

É a forma como o verbo é apresentado.

- Indicativo: certeza (ele conjuga).
- Subjuntivo: possibilidade ou incerteza (ele quer que eu conjuge).
- Imperativo: ordem e pedido (conjuga tu!).

Tempo

É usado para indicar quando ocorreu a ação à qual o verbo se refere.

- Presente: o fato no momento em que se fala (ele conjuga).
- Pretérito imperfeito: um passado inacabado (eu conjugava).
- Pretérito perfeito: exprime fatos concluídos antes do momento da fala (eu conjuguei).
- Pretérito mais-que-perfeito: um fato passado em relação a outro (ele conjugara).
- Futuro do presente: um fato que vai acontecer no futuro (eu conjugarei).
- Futuro do pretérito: um futuro que ocorre no passado (ele conjugaria); algo que poderia ter acontecido.

Pessoa

É a quem se refere o verbo. **Eu** e **nós** pertencem à primeira; **tu** e **vós**, à segunda; e **ele/ela, eles/elas**, à terceira.

- Eu: eu consigo.
- Tu: tu consegues.
- Ele/Ela: ele consegue.
- Nós: nós conseguimos.
- Vós: vós conseguis.
- Eles/Elas: eles conseguem.

Número

Indica a quantidade de pessoas.

- Singular: uma pessoa (eu estou).
- Plural: mais de uma pessoa (eles estão).

Tempos verbais

Modo indicativo

Expressa certeza apresentando o fato de uma maneira real, certa, positiva.

Presente

Expressa o fato no momento em que se fala.

Ex.: *O aluno lê um poema.*

Posso afirmar que meus valores mudaram.

Um aluno dorme.

Pretérito imperfeito

Expressa o passado inacabado, um processo anterior ao momento em que se fala, ou ainda um fato habitual, diário. Por isso, chama-se esse tempo verbal de pretérito imperfeito, pois não se refere a um conceito situado perfeitamente em um contexto de passado.

Emprega-se o pretérito imperfeito do indicativo para assinalar:

a) Um fato passado contínuo, permanente ou habitual, ou casual.

Ex.: *Eles vendiam sempre fiado.*

*Uma noite, eu me lembro... ela dormia
Numa rede encostada molemente*

(Castro Alves, *Adormecida*)

Ela vendia flores.

Glória usava no peito um broche com um medalhão de duas faces.

(Rachel de Queiroz, *As Três Marias*)

b) Um fato passado, mas de incerta localização no tempo.

Ex.: *Era uma vez...*

c) Um fato simultâneo em relação a outro no passado, indicando a simultaneidade de ambos.

Ex.: *Eu lia quando ela chegou.*

Nessa mesma noite, leu-lhe o artigo em que advertia o partido da conveniência de não ceder às perfídias do poder.

(Machado de Assis, *Quincas Borba*)

Pretérito perfeito

Indica um fato já ocorrido, concluído. Por isso o nome **pretérito perfeito**, por se referir a um fato situado perfeitamente no passado.

Ex.: *Trocaram beijos ao luar tranquilo.*

(Augusto Gil, *Luar de Janeiro*)

Andei longe terras,

Lidei cruas guerras,

*Vaguei pelas serras,
Dos vis Aimorés.*
(Gonçalves Dias, *Juca-Pirama*)

*Posso afirmar que meus valores mudaram.
Apanhou o rifle, saiu ao meio da trilha e
detonou.*
(Coelho Neto, *Banzo*)

Na forma composta, é usado para indicar uma ação que se prolonga até ao momento presente, através de locução verbal, na qual se usa o particípio.



Perfil de Fernando Pessoa, de Karl-Eckhard Carius

*Ex.: Tenho estudado todas as noites.
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.*
(Fernando Pessoa, *Poema em Linha Retá*)

Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado para assinalar um fato passado em relação a outro também no passado (o passado do passado). O pretérito mais-que-perfeito aparece nas formas simples e composta, sendo que a primeira costuma surgir em discursos mais formais, e a segunda, na fala coloquial.

Pretérito mais-que-perfeito simples

Ex.: Ele comprou o apartamento com o dinheiro do carro que vendera.
(Machado de Assis, *Relíquias de Casa*)

Morava no arraial de São Gonçalo da Ponte, cuja ponte o rio levava, deixando dela somente os pilares de alvenaria.

(Gustavo Barroso, *O Sertão e o Mundo*)
Te dou meu coração, quisera dar o mundo.

Pretérito mais-que-perfeito composto

*Ex.: Quando eu cheguei, ela já tinha saído.
Tinha chovido muito naquela noite.*

Futuro do presente composto

Um tempo que só existe na forma composta. Assinala um fato posterior ao tempo atual, mas anterior a um outro futuro.

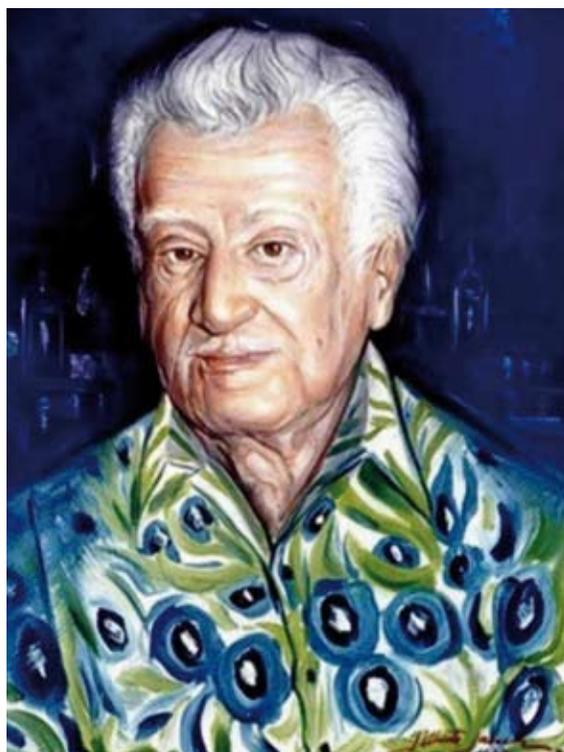
Ex.: Até meus bisnetos nascerem, eu terei me aposentado.

Futuro do presente

Assinala uma ação que ocorrerá no futuro relativamente ao momento em que se fala.

*Ex.: Se eleito, lutarei pelos menores carentes.
(...) era Vadinho, herói indiscutível, jamais outro virá tão íntimo das estrelas, dos dados e das prostitutas...*

(Jorge Amado, *Dona Flor e Seus Dois Maridos*)



Retrato de Jorge Amado, de Gilberto Gomes

www.gilbertogomes.com.br

A qual escolherei, se, neste estado,
Eu não sei distinguir esta daquela?
(Alvarenga Peixoto, *Joninha e Nice*)

Futuro do pretérito / Condicional

Emprega-se o futuro do pretérito para assinalar:

a) Um fato futuro em relação a outro no passado.

Ex.: *Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria.*
(Álvares Azevedo, *Se Eu Morresse Amanhã*)

b) Uma ironia ou um pedido de cortesia.

Ex.: *Daria para fazer silêncio!*
Poderia fazer o favor de sair!?

Metas educacionais

- desenvolver habilidades de leitura de textos verbais, não verbais e de linguagem mista como forma de compreensão da variedade vocabular e temporal na produção de um texto, seja ele oral ou escrito;
- compreender as formas verbais e sua flexão e empregá-las corretamente;
- ampliar o conhecimento dos alunos sobre tempos verbais, partindo sempre de uma reflexão textual;
- levar o aluno a aplicar seus conhecimentos de forma lúdica em jogos, conversas ou atividades que exijam reflexão e funcionalidade.

Para usar em sala de aula

1) Carta

O aluno deve imaginar que recebeu uma carta de um amigo que foi morar, ainda criança, na Inglaterra. Esse amigo anda esquecido da escrita dos tempos verbais da língua portuguesa e faz algumas confusões. A atividade é reescrever a carta, utilizando corretamente o tempo verbal.

Ontem, aqui na Inglaterra, muitos pássaros chega para passar o verão na cidade. Eles voar em círculos sobre as árvores da praça e as crianças que brincar nos escorregadores e balanços grita de alegria. Se um dia você

visitar esta cidade, eu mostrar toda a sua beleza, sua natureza. Você ficar encantada. Quando você vem?

*Aguardar ansioso,
James.*

2) Construção de textos

Os alunos vão ler o diálogo abaixo, entre as amigas Luana e Cecília e, depois, construir dois textos, ambos no futuro. Em um deles, imaginando que Luana chegou a tempo de assistir ao filme. No outro, como foi a noite de Luana, que, por causa de contratemplos, chegou tarde demais para entrar no cinema.



Ilustração: GEA / MultiRio

3) Pesquisa

Pesquisar na biblioteca da escola algum livro sobre biografia ou autobiografia. Selecionar um trecho interessante e circular os verbos encontrados. Responder em que tempos verbais eles estão: presente, passado ou futuro? Que relação o aluno faria entre o tempo verbal predominante e o tipo de texto que o autor produziu? Registrar suas conclusões.

Ler para viver

Literatura infantil



Alberto Jacob Filho

A literatura infantil não é uma construção de livros que se destinam apenas às crianças, mas daqueles que ouvimos e lemos antes de nos tornarmos adultos e que retornarão à nossa memória sempre que convocados pelo desejo de viajar ou pela sensibilidade do leitor que seremos. As grandes aventuras habitam o enredo infantil: contos de fadas, da carochinha, mitologias, histórias de cavaleiros de capa e espada, marinheiros, náufragos e detetives mirins.

A narrativa e a poesia apresentam também um mundo que se divide, fundamentalmente, entre o bem e o mal. No Brasil, Monteiro Lobato (1882-1948) inaugura um espaço em que as aventuras começam a buscar nossas raízes culturais, evidenciar uma natureza original e personagens independentes de seu criador. Hoje, a literatura infantil tem apresentado grandes escritores e ilustradores que compõem aventuras reveladoras, muitas ve-

zes, da dor e do desamparo que é a consciência de crescer. O objetivo, neste capítulo, é oferecer caminhos de leituras encantadoras e recursos importantes para se fazer uma boa leitura.

Na interação da criança com a obra literária está a riqueza dos aspectos formativos nela apresentados de maneira fantástica, lúdica e simbólica. A intensificação dessa interação, por meio de procedimentos pedagógicos adequados, leva a criança a uma maior compreensão do texto e a uma compreensão mais abrangente do contexto. Uma obra literária é aquela que mostra a realidade, de forma nova e criativa, deixando espaços para que o leitor descubra o que está nas entrelinhas do texto.

Vamos ver, abaixo, um pouco da história da literatura infantil brasileira.



Bonecos criados pela GEA / MultiRio / Foto: Alberto Jacob Filho

Monteiro Lobato e a literatura infantil, um marco histórico

Hercília Maria Fernandes, em trabalho apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, afirma que coube a Monteiro Lobato a tarefa de instaurar o “divisor de águas” que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Ao fazer a herança do passado vigorar sobre o seu tempo, Lobato alcança “o caminho criador de que a literatura infantil estava necessitando”. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e as novas formas que o século passado exigia. O autor estreia no gênero infantil em 1921, com a obra *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que abre caminhos para uma série de publicações de livros infantis, todos com ampla aceitação do público infantojuvenil, em torno da turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Com certo tempo e enriquecimento do fabuloso mundo lobatiano, o Maravilhoso passa a compor normalmente o Real e, em lugar de se tornar inverossímil, se “des-realizando”, o processo acaba sendo o contrário, isto é, “o inventado passa a ter foros de realidade”. Lobato, rompendo com os modelos extraídos da Europa, enfatizava a necessidade de se criar uma literatura infantil nacional em que as crianças pudessem “morar”. Em suas palavras: “Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças um livro é todo um

mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe, de Laemmert. Ainda acabo escrevendo livros onde as crianças possam morar. Não ler e jogar fora, sim morar, como morei no Robinson e n’*Os Filhos do Capitão Grant*”.

E Lobato fez muitas crianças morarem em seus livros, a partir dos anos 1920. Sua obra resiste às mudanças do tempo, alcançando a qualidade da eternidade. Desde 1926, o escritor teve seus livros traduzidos em vários países, entre eles: Alemanha, Argentina, Espanha, França, Síria; o que comprova que Lobato conseguiu unir ingredientes que permitiram a eternidade de sua criação. A fórmula é composta a partir da fusão da essência humana e universal com a sua busca pelo nacional, o que possibilita a passagem de suas obras para além-fronteiras do país e faz com que milhares de crianças habitem o fantástico mundo do Sítio do Pica-Pau Amarelo. A repercussão chega aos dias atuais, já que a turminha do Sítio voltou a morar na tela da televisão brasileira no início do século XXI.

A obra lobatiana na área infantil é vasta, engloba livros originais, adaptações e traduções. Nas publicações originais, destacam-se, além de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, *O Saci* (1921); *Fábulas e O Marquês de Rabicó* (1922); *A Caçada da Onça* (1924); *A Cara de Coruja*, *Aventuras do Príncipe*, *Noivado de Narizinho* e *O Circo de Cavalinho* (1927); *A Pena do Papagaio* e *O Pó de Pirlimpimpim* (1930); *As Reinações de Narizinho* (1931); *Viagem ao Céu* (1932); *As Caçadas de Pedrinho* e *Emília no País da Gramática* (1933); *Geografia de Dona Benta* (1935); *Memórias de Emília* (1936); *O Poço do Visconde* (1937); *O Pica-Pau Amarelo* (1939) e *A Chave do Tamanho* (1942).

As obras de Lobato, constituídas por narrativas aventurescas, desenrolam fatos fasci-

nantes, personagens e celebridades que se originaram da criatividade lobatiana e na memória dos tempos, seja através da história, da tradição oral, das lendas e/ou dos mitos. Essa mistura de imaginário, conhecimentos e heranças histórico-culturais da humanidade expressa a originalidade da obra de Monteiro Lobato, que busca redescobrir realidades estáticas, cristalizadas pela memória cultural, e dar-lhes nova vida, em meio às reações do pessoal que vive no Sítio.

Cecília Meireles e os livros de formação

Cecília Meireles (1901-1964), após a estreia na literatura com a obra *Espectros* (1919), dedica-se intensamente à educação, desenvolvendo, além da docência e da militância política em jornais brasileiros, uma ação pedagógica não formal com a criança brasileira, por meio da literatura infantil.

Reprodução



Em 1924, Cecília publica *Criança Meu Amor*, obra de abertura da poetisa dentro do gênero infantil. Em 1937, em parceria com o médico Josué de Castro, lança *A Festa das*

Letras, obra poética cujos textos obedecem à sequência de um abecedário e desenvolvem as temáticas Alimentação e Saúde. Ainda em fins da década de 1930, sai o livro *Rute e Alberto Resolveram Ser Turistas* (1939), que trabalha, a partir de situações narradas, o conhecimento histórico e geográfico por meio das aventuras das crianças-personagens na cidade do Rio de Janeiro. Em 1949, a autora publica *Rui: Pequena História de uma Grande Vida*; e, em 1964, a sua grande obra poética dentro do gênero infantil: *Ou Isto ou Aquilo*.

Conforme a opinião de vários estudiosos da poetisa-educadora, Cecília Meireles, conjuntamente com Monteiro Lobato e Vinícius de Moraes, foi responsável pela renovação da literatura infantil brasileira, dando maior ênfase aos sentimentos da criança, ao imaginário e à beleza poética propriamente dita. Todavia, seus primeiros livros trazem bastante vivos os ideais do tradicionalismo literário, que permeou sua produção artística dentro do gênero infantil, destacando-se algumas características:

- idealismo: apresentação romântica da criança e daquilo que lhe é pertinente – família, escola, sociedade;
- moralismo e maniqueísmo dogmático: ênfase na moral, no valor da educação intelectual, da linguística e no desenvolvimento emotivo da criança, porém pela perspectiva adulta que manipula as ações do leitor;
- universalismo e tradicionalismo: na valorização da linguagem erudita, na exposição dos temas e nos conteúdos; através daquilo que é comum ao homem e permanece historicamente; e na utilização das fontes orais e do folclore;
- literariedade e imaginação: valorização da beleza poética, do sonho, dos devaneios infantis, das faculdades intuitivas.

Algumas dessas características permaneceram imutáveis no conjunto da obra de Cecília Meireles, como, por exemplo, os aspectos formativos, instrutivos e de entretenimento intrínsecos aos livros infantis da autora. Mesmo na obra *Ou Isto ou Aquilo*, em que a natu-

reza estética se evidencia acima das intencionalidades pedagógicas e das funcionalidades sociais, há a evidência do caráter moralizante de uma educadora que busca ofertar ensinamentos úteis à formação da criança.

Entretanto, é com Cecília Meireles e Vinícius de Moraes que a literatura infantil brasileira abre portas para o paradigma estético, anunciando a importância do lúdico para a vivência e formação da criança. Em Cecília, o paradigma utilitarista, moral-cívico, rompe-se com a obra *Ou Isto ou Aquilo* e, em Vinícius de Moraes, com a publicação de *A Arca de Noé* (1970). Nessa obra, o escritor explora o jogo sonoro, a perspectiva infantil assumida pela voz poética, o humor e aproveita recursos típicos da poesia popular como a quadra, a rondilha e a rima nos versos pares, além da temática animal, um dos assuntos de maior empatia entre as crianças.

O poder da ilustração

A ilustradora Graça Lima, em palestra proferida no seminário Prazer em Ler de Promoção da Leitura – Nos Caminhos da Literatura, em São Paulo (agosto de 2008), afirmou:

“A obra de um ilustrador é uma arte, porque, assim como os pintores, os escultores, os músicos ou qualquer outro tipo de artista, ele tem a mesma necessidade de fazer compreensíveis seus sonhos e, por meio de sua capacidade profissional, interpretar o mundo em que vive dando sua visão imaginativa e real à sociedade.” (In: *Nos Caminhos da Literatura*. São Paulo: Peirópolis, 2008, p. 41.)

A ilustração no livro infantil é assunto sério, tanto que, em 2008, foram lançados no Brasil dois livros dedicados ao tema: *O Que é a Qualidade em Ilustração no Livro Infantil e Juvenil: com a Palavra, o Ilustrador*, organizado por Ieda de Oliveira, e *Pelos Jardins Boboli*, do professor e ilustrador Rui de Oliveira.

Metas educacionais

- oferecer caminhos de leituras encantadoras, que são recursos importantes para se fazer uma boa leitura;
- apresentar a ilustração como fonte importante de leitura de uma linguagem não verbal;
- apresentar autores importantes para a formação da literatura infantil brasileira;
- apresentar autores e ilustradores contemporâneos importantes para a literatura infantil brasileira.

Para usar em sala de aula

Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a pensar e a escrever histórias para crianças no Brasil. Seus personagens mais conhecidos habitam o famoso universo do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Os alunos podem pesquisar, em grupo, a biografia desse autor, suas obras, sua importância para o Brasil e o nome de seus personagens mais marcantes. Depois, o grupo apresenta para a turma o que achou mais interessante. Os alunos podem escolher, na biblioteca da escola, um livro de Monteiro Lobato e começar a ler. Certamente, não vão conseguir parar!

Neste capítulo, aprendemos que a ilustração é um texto não verbal também importante para a construção de uma história. Maurício Veneza, um ilustrador da atualidade, já fez capas de livros e ilustrações infantojuvenis muito interessantes, como a capa do livro ao lado.



Reprodução

A partir da ilustração mostrada, os alunos podem criar uma história que combine com essa capa e com os personagens que aparecem. Uma outra atividade é ler o poema abaixo, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), importante poeta e cronista mineiro, e

criar uma ilustração bem significativa para a história que ele conta em versos, dedicados ao amigo Abgar Renault.

As ilustrações podem formar um excelente mural na sala de aula!

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.

Minha mãe ficava sentada cosendo.

Meu irmão pequeno dormia.

Eu sozinho menino entre mangueiras

lia a história de Robinson Crusóé,

comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu

a ninar nos longes da senzala – nunca se esqueceu

chamava para o café.

Café preto que nem a preta velha

café gostoso

café bom.

*Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:*

– Psiu... Não acorde o menino.

Para o berço onde pousou um mosquito.

E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava

no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história

era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

Leitura de apoio

A literatura é a chave para o encantamento com a linguagem. Ler e dizer são os grandes desafios de uma língua. E esta língua pode ser lida, falada e escrita de diversas formas: a literatura infantil brasileira tem feito bonito com essa história. Pesquise com os alunos os livros de autores e ilustradores contemporâneos, como Ângela Lago, Maurício Veneza, Roger de Mello, Mariana Massarani, Adriana Falcão, Ricardo Azevedo e Eva Furnari. Alguns já foram citados aqui, mas todos têm muitos títulos.



Bibliotecando

Biblioteca, pesquisa, texto informativo



Alberto Jacob Filho

O tema é Pesquisa: desenvolver atividades de investigação que estimulem e ensinem os alunos a pesquisar adequadamente em uma biblioteca, em rede, pelo computador. Para um bom resultado, a pesquisa deve ser feita com curiosidade, objetividade e segurança. Vamos apresentar os caminhos importantes para essa atividade, bem como a orientação inicial dos sumários, dos ícones do computador e dos registros que devem ser feitos e somados às suas conclusões.

A pesquisa pode ser um grande instrumento na construção do conhecimento do aluno, por isso, sempre que possível, o professor deve sugerir algum tema para pesquisa relacionado com o conteúdo, a fim de contribuir na construção da aprendizagem.

Aprofundando o conceito

A era digital*

(Silvana Gontijo)

Uma abordagem pedagógica das mídias digitais deve estar comprometida com o desenvolvimento de competências específicas, para uma interação autônoma com a multiplicidade de informações oferecida pelas tecnologias de informação e comunicação. Para navegar sem se perder, é preciso saber aonde se quer chegar; é preciso estabelecer objetivos, perguntas, critérios de busca; é preciso, sobretudo, apropriar-se da informação de modo significativo, convertendo-a em conhecimento.



Projetos de pesquisa, com temas, objetivos e metodologia bem definidos devem ser propostos. A busca dirigida na internet vai proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer ferramentas e metodologias de busca, comparar conteúdo e formato de diferentes sites e descobrir como localizar as informações de que necessita para resolver o seu problema. Será ainda mais rica a oportunidade se o trabalho for desenvolvido em pares ou grupos. Todo o processo deve ser acompanhado e orientado pelo professor, desde o planejamento até a apresentação dos resultados finais, quando a turma deve compartilhar problemas, escolhas e soluções encontradas durante o percurso.

Depois de pesquisar e discutir as características de diferentes sites, portais ou blogs da internet, os alunos devem ser incentivados a desenvolver suas próprias propostas para o suporte. Divididos em equipes de trabalho, eles podem ser desafiados a criar um site, definindo tema, formato, público-alvo, estilo e recursos de linguagem. Nesse caso, é importante lembrar o que foi observado durante o projeto de pesquisa a respeito das características específicas do suporte internet: por exemplo, como explorar bem as possibilidades do hipertexto, da não linearidade e da multiplicidade de linguagens? Quais as diferenças de proposta e de uso de recursos de linguagem – imagens, sons, fotos, textos – entre sites jornalísticos, sites de entretenimento, blogs (espécie de diário on-line) e outros? Ao desenvolver um CD-ROM ou um site sobre música, por exemplo, o grupo deve discutir sobre a utilização conjunta de som, imagem e texto, sempre com o objetivo de informar com objetividade, prestar o serviço proposto e comunicar com eficácia suas ideias e opiniões. Se a escola dispuser de uma estrutura tecnológica que permita o desenvolvimento dos produtos, é hora de concretizar o que foi planejado. Mas, se isso não for possível, o simples exercício de criar

o formato e discutir as possibilidades desse meio é suficiente para incentivar uma relação mais consciente com o meio.

Alguns cuidados importantes a tomar

A imensa quantidade de informações disponível a todos que acessam a internet pode levar a um uso superficial do meio. Muitos usuários cedem facilmente à tentação de apropriar-se do material encontrado nos sites e reproduzi-lo em trabalhos escolares ou mesmo em projetos profissionais. Trata-se de uma questão ética que deve ser tratada com muita seriedade na escola, orientando-se os alunos desde cedo a usar o que encontram na rede de modo responsável. O professor deve incentivar seus alunos a relacionar-se com a rede como uma ferramenta de aprendizagem e pesquisa, tal como são os livros, os vídeos e outras fontes de informação, cujos conteúdos devem servir para cada usuário apenas como ponto de partida para o desenvolvimento de produções originais, inéditas e criativas. Apropriar-se da autoria de qualquer produção intelectual é crime.

Outra questão importantíssima com a qual a escola precisa se comprometer é a que trata da responsabilidade ética sobre a circulação de informações na rede. O respeito ao outro, em todos os sentidos, deve pautar, sempre, a produção, a troca e a divulgação de informações na internet. Em nenhum momento a escola deve incentivar ou tolerar o uso da rede para veicular informações e opiniões que não partam de uma postura de respeito à privacidade, às opiniões, aos credos e às opções de outras pessoas ou grupos. A cultura do convívio respeitoso com as diferenças também deve estar em pauta quando o assunto é internet. No mundo inteiro, estão em discussão as regras éticas para um uso responsável da internet, e a escola deve acompanhar essa discussão, atenta e comprometidamente.

Aproveitar as experiências profundamente e sem pressa

Podemos discutir como planejar as atividades de comunicação em função de diversos fatores. Vimos o quanto de complexidade há nesse processo e o quanto é importante programar bem sua entrada em sala de aula, para que se possa explorar todo o seu potencial educativo. Sob essa perspectiva, devem ser planejadas as atividades criativas e de apropriação técnica e expressiva dos meios, de modo que se possam escalar os níveis de dificuldade e de desafio, a fim de que os alunos não queimem etapas movidos pela ansiedade de experimentar tudo. É fundamental que eles possam vivenciar, com profundidade, as possibilidades de desenvolverem seu potencial de autoexpressão e criatividade, e que, assim, se tire o máximo do que cada recurso pode oferecer.

Pesquisar aplicações pedagógicas

Os manuais de usuários de computadores, DVDs ou câmeras não trazem instruções sobre os usos pedagógicos dessas tecnologias.

Escola não é lugar de se mexer com as tecnologias de comunicação só porque elas são modernas e piscam luzes coloridas – assim corremos o risco de educar como antigamente, mesmo com recursos novos e caros. Escola é lugar onde se usam critérios pedagógicos para fazer escolhas. E onde se sabe utilizar as tecnologias a serviço da qualidade de ensino, com a mesma segurança com que também se sabe quando não utilizá-las em nome da mesma qualidade de ensino.

Aliás, elas não foram projetadas para utilização em sala de aula – talvez, se fossem, tivessem formatos e preços bem diferentes. É o professor que terá de escrever esse “manual”: sendo inquieto e curioso, experimentan-

do e descobrindo, na prática, quais as possibilidades e as restrições de cada tecnologia, especificamente com relação ao seu trabalho e aos seus alunos.

É preciso ter um olhar investigativo sobre a experimentação, teorizar um pouco sobre o que se observa e se faz e, finalmente, sistematizar conclusões. Não basta entrar com o vídeo ou com a fotografia em sala de aula; é papel do professor criar a metodologia para que os alunos produzam e aprendam por meio dos instrumentos. O modelo de trabalho da pesquisa docente é o melhor caminho de entrada das tecnologias nas escolas, criando proteções pedagógicas contra consumismos, modismos e outros “ismos” deslumbrados.

Os alunos podem fazer uma enorme diferença

Mais que incluir as tecnologias na escola, é importante incluir os alunos e a escola no mundo da tecnologia. Muitas vezes, porém, são os alunos os melhores agentes para promover essa inclusão. São espertos, rápidos e, em geral, sabem muito mais que seus pais e professores sobre programas, botões e fios. Então, por que não lhes dar um lugar de honra no processo? As crianças e os jovens podem ser envolvidos em atividades, podem liderá-las, podem assumir algumas responsabilidades realmente diferenciais. Na rádio escolar, no laboratório de informática, no estúdio de foto ou de vídeo, eles podem estar no comando, na operação, na instalação dos equipamentos, podem ensinar os menores ou os professores. A partir daí, virão muito mais benefícios e aprendizagens em jogo do que simplesmente técnica e tecnologia.

Tecnologia combina com organização

Seja com muitos ou poucos recursos, o que importa mesmo é saber usá-los e colocá-los a serviço da melhor qualidade do que se ensina na escola. Seja o pouco, seja o muito que se tem, deve ser cuidado, mantido e disponibili-



zado para todos. Então, estamos falando de organização de acessos, de arquivo de material, de controle e de regras para o uso, de agendas de disponibilidade, etc. Para que as tecnologias entrem na escola, sejam absorvidas pela prática escolar e passem a integrar a sua cultura pedagógica, é necessário o respaldo de uma gestão de recursos, para que esses mesmos recursos não sejam subutilizados ou desperdiçados, mas sim convertidos em conquistas pedagógicas para a escola e benefícios educativos para os alunos.

Metas educacionais

- incentivar o aluno a observar, investigar e registrar as diferentes técnicas e os usos da voz, do som e da imagem no cotidiano;
- compreender o processo básico de captação, de registro e de manipulação criativa de som, da imagem fotográfica em movimento, etc.;
- entender a lógica de colocação de fios, de conexões, de transmissão de sinais e de informação entre os equipamentos;
- em sua vida particular, utilizar de forma mais autônoma e desembaraçada os próprios aparelhos de som, DVD, câmera fotográfica, computador e demais recursos que estiverem ao seu alcance;
- estudar o meio de comunicação (o rádio, a TV, a internet, etc.), sua presença e importância no mundo atual;
- planejar atividades em que os alunos possam realizar produções como programas de rádio e de TV, cinema, jornal impresso, exposições fotográficas, entre outras.

Para usar em sala de aula

1) Um trabalho de pesquisa

- a) entender a lógica de disposição dos livros em uma biblioteca: por assunto, por temas, por idades, por áreas de interesse;
- b) ao pesquisar em livros, entender o sumário; localizar o assunto no livro;

c) localizar informações em jornais, citando adequadamente o título do jornal pesquisado, e a data da notícia, indicando o que aconteceu, como, quando e onde;

d) escolhendo sites “confiáveis”, buscar na internet referências aos autores recorridos e citados, etc.

2) Sobre a série *Turma da Biblioteca*

Sugerir uma pesquisa sobre a identidade da professora que alimenta o baú de novidades. Quem sabe ela não pode ser uma escritora? E, se for, como é o seu trabalho? O que ela já produziu?

3) Múltiplos meios

Cada grupo escolhe um dos temas abaixo e deverá pesquisá-lo nos mais diversos meios: enciclopédias, internet, jornais, revistas, dicionários e outros, podendo, inclusive, entrevistar pessoas que dominem o assunto. Todas as descobertas serão registradas com capricho e apresentadas para a turma, com as referências do autor, do lugar onde as informações foram encontradas, além de ser acrescentada uma bibliografia sobre o assunto.

Temas:

- Criança não trabalha.
- Consumo na dose certa.
- Violência na televisão: por que e para quê?
- Grandes descobertas da humanidade.
- Homens e mulheres importantes na história do Brasil.
- Somos todos diferentes.



Com os resultados e trabalhos desenvolvidos para os temas da questão anterior, os alunos montarão um mural bem grande e colorido em sua escola, ou em sua sala, para que todos possam compartilhar as informações encontradas.

É importante lembrar que toda pesquisa e toda informação precisa ter uma funcionalidade, ou seja, precisa ser divulgada e refletida com o grupo. Faça uma visita a sua biblioteca preferida e escolha um livro bem legal. Mãos à obra!

Leitura de apoio

Escola e tecnologia precisam se conectar*

(Eduardo Monteiro)

Tratar dos temas da comunicação em sala de aula vai exigir que você se aproxime de algumas questões técnicas e se aproprie dos procedimentos e do manejo dos instrumentos em questão. Assim, você poderá decidir com competência e autonomia a melhor forma de utilizar esses recursos em seu trabalho. Portanto, é preciso romper com medos e inseguranças, superando dificuldades, porque aqui não se podem ter ilusões: para se trabalhar bem com a comunicação em sala de aula é preciso colocar a “mão na massa”, aprender o que não se sabe e disponibilizar alguns recursos no espaço escolar. A perspectiva aqui não é transformar crianças em teóricos da comunicação – isso não tem sentido – mas sim contribuir na formação de cidadãos competentes e capazes em suas possibilidades de criatividade, expressão e intervenção pelo diálogo na sociedade em que vivem.

Temos aqui alguns problemas, de fato. De uma forma geral, ainda não é fácil para as escolas terem o acesso aos recursos de comunicação – os mais simples, às vezes. Mesmo que muitas escolas e professores já tenham computadores e os conhecimentos

a eles associados, um trabalho mais consistente com a comunicação na escola, inclusive numa perspectiva curricular, poderá levar professores e estudantes a explorarem outros recursos de comunicação e linguagem, como câmeras fotográficas e de vídeo e gravadores de som.

A presença dos computadores de uma forma mais massiva nas escolas também pode facilitar essa aproximação, uma vez que os modelos atuais agregam recursos multimídia, permitindo diversas possibilidades fáceis no processamento de som e imagem. Sem muita complicação, cada vez mais os computadores estão conectados com periféricos como scanners, câmeras e microfones, que permitem ao usuário curioso e criativo uma série de possibilidades e abrem muitas perspectivas para um trabalho pedagógico inovador. Mas é preciso não se enrolar com os fios.

Fica, assim, definida uma linha de trabalho e estudo a ser priorizada pelo professor e pelas escolas, de modo que se possa promover o acesso a esses recursos, que se aprenda a lidar com eles e que seja possível, a partir disso, conhecer as suas possibilidades no trabalho escolar e aplicá-las com competência.

O jornal na escola*

(Silvana Gontijo)

O jornalismo é uma prática de investigação da realidade, que tem por objetivo a divulgação crítica e responsável de informações, ideias, opiniões. Se sua escola pretende desenvolver um ambiente de estímulo ao pleno exercício da cidadania, atividades que viabilizem essa prática de pesquisa investigativa e crítica sobre a realidade precisam estar presentes no planejamento pedagógico. Sem dúvida, o professor deve estimular o contato dos seus alunos com jornais e revistas, telejornais, radiojornais, webjornais. Trazendo para a sala de aula o debate sobre o noticiário diário, destacando temas diretamente relacionados aos campos de interesse de sua turma, você contribuirá para a formação de



cidadãos mais informados. Produzir jornais na escola é, sem dúvida, um passo saudável nessa direção, além de ser um excelente recurso para atrair o interesse dos alunos. Para desenvolver projetos dessa natureza, você pode adaptar as orientações de outras fichas presentes nesta cartilha.

Nessa ficha, vamos priorizar sugestões voltadas para a questão da investigação crítica da realidade, que está na base da atividade jornalística. Investigar pressupõe observar em profundidade, indo além das aparências; questionar informações recebidas, entendendo que não há um só modo de se apresentarem e de se entenderem os fatos; e, finalmente, saber buscar informação com autonomia. Partindo dessas premissas, qualquer projeto de pesquisa pode tornar-se um instrumento de investigação crítica da realidade, contanto que os alunos sejam estimulados a ir além da mera reprodução de dados encontrados em livros ou sites, propondo ideias de modo original, que realmente expressem seu modo de ser, de sentir e de pensar.

Uma boa alternativa para estimular os alunos a produzir de modo original é incentivar a consulta a fontes próprias para compor seus trabalhos. Digamos que a pesquisa seja sobre alimentação saudável. Em vez de (só) pesquisar em livros, revistas e sites sobre o tema, eles devem ser motivados a procurar profissionais de sua comunidade (médicos, nutricionistas) que possam esclarecer dúvidas e fundamentar o estudo. Aqui, professor,

atenção: para que se estabeleça, efetivamente, uma relação investigativa com o tema estudado, é preciso orientar, passo a passo, o planejamento de suas etapas: a definição dos profissionais adequados, a preparação da pauta para a entrevista, o tratamento e a articulação dos dados levantados. O diferencial do trabalho estará justamente no compromisso com a credibilidade e com a profundidade das informações produzidas. Nesse sentido, o resultado será tanto melhor quanto maior for o cuidado no planejamento prévio do trabalho, na definição de objetivos, na escolha da metodologia, na eleição das prioridades e no cumprimento das responsabilidades.

O jornal é uma excelente forma de conexão com a realidade cotidiana, seja num contexto mais próximo, seja em locais mais distantes. Especialmente no Ensino Médio, os grandes temas do dia a dia podem ser trazidos para a aula a partir da pesquisa nas notícias de jornal: política, eleições, meio ambiente, guerras, terrorismo, economia, questões sociais, cultura, entre outros temas, podem render boas discussões nas mãos do professor. E, pela internet, jornais de outras cidades e países podem ser acessados em tempo real.

(*) Textos retirados de Por Dentro dos Meios, curso a distância de formação de professores em Mídiaeducação. Aula 6 de Ensino Fundamental, publicada em 4 de outubro de 2009 no site planetapontocom.



Sugestão de livros infantojuvenis

A Caligrafia de Dona Sofia, de André Neves. Editora Paulinas.

A Cama Que Não Lava o Pé, de Fátima Miguez. Editora DCL.

Amores de Artistas, de Sônia Rosa. Editora Paulinas.

Aparício, de Sônia Rosa. Editora DCL.

A Princesa Tiana e o Sapo Gazé, de Márcio Vassallo. Editora Brinque-Book.

As Mais Belas Histórias das Mil e Uma Noites, de Arnica Esterl. Editora Cosac Naify.

Circo Universal, de Raimundo Carvalho e Ivan Luís B. Mota. Editora Dimensão.

Clave de Lua, de Leo Cunha. Editora Paulinas.

Cocô de Passarinho, de Eva Furnari. Editora Companhia das Letrinhas.

Coleção Arte e Raízes (7 livros), de Nereide Schilaro Santa Rosa. Editora Moderna.

Coleção MiniPingos (8 livros), de Mary e Eliardo França. Mary e Eliardo França Editora.

Coleção Monteiro Lobato. Editora Globo.

Coleção Reencontro Infantil - Clássicos da Infância. Editora Scipione.

Com o Coração na Mão, de Fátima Miguez. Editora DCL.

Crianças na Escuridão, de Júlio Emílio Braz. Editora Moderna.

Diário de Classe, de Bartolomeu Campos de Queirós. Editora Moderna.

Divinas Aventuras – Histórias da Mitologia Grega, de Heloisa Prieto. Editora Companhia das Letrinhas.

Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes. Tradução e adaptação de Ferreira Gullar. Editora Revan.

Em Boca Fechada Não Entra Mosca, de Fátima Miguez. Editora DCL.

Exercícios de Ser Criança, de Manoel de Barros. Editora Salamandra.

Felpo Filva, de Eva Furnari. Editora Moderna.

Guilherme Augusto Araújo Fernandes, de Mem Fox. Editora Brinque-Book.

João por um Fio, de Roger Mello. Editora Cia. das Letras.

Lolo Barnabé, de Eva Furnari. Editora Moderna.

Luna Clara e Apolo Onze, de Adriana Falcão. Editora Salamandra.

Memórias Inventadas (3 volumes): A Infância, A Segunda Infância, A Terceira Infância, de Manoel de Barros. Editora Planeta.

Meninos do Mangue, de Roger Mello. Editora Cia. das Letras.

Moda – Uma História para Crianças, de Katia Canton. Editora Cosac Naify.

Moleques de Rua – As Aventuras de João Pão, um Menor Abandonado, de Roberto Freire. Editora Moderna.

Nenhum Peixe Aonde Ir, de Marie-Francine Hébert. Edições SM.

O Casamento entre o Céu e a Terra: Contos dos Povos Indígenas do Brasil, de Leonardo Boff. Editora Salamandra.

O Colecionador de Pedras, de Prisca Agustoni. Editora Paulinas.

O Empinador de Estrela, de Lourenço Diaféria. Editora Moderna.

O Macacão Espantado, de Léo Cunha. Editora Salamandra.

O Menino Que Brincava de Ser, de Georgina Martins. Editora DCL.

O Nascimento de Zeus e Outros Mitos Gregos, de Adriane Duarte. Editora Cosac Naify.

O Príncipe sem Sonhos, de Márcio Vassallo. Editora Brinque-Book.

Os 100 Melhores Contos de Crime e Mistério da Literatura Universal. Org. Flavio Moreira da Costa. Ediouro.

Pai sem Terno e Gravata, de Cristina Agostinho. Editora Moderna.

Perto dos Olhos, Perto do Coração, de Fátima Miguez. Editora DCL.v

Ponte para Terabítia, de Katherine Paterson. Editora Salamandra.

Ri Melhor Quem Ri Primeiro, de José Paulo Paes. Editora Cia. das Letras.

Série Carol e o Homem do Terno Branco (5 livros), de Carlos Heitor Cony e Anna Lee. Editora Salamandra.

Terra Vermelha, Rio Amarelo – Uma História da Revolução Cultural, de Ange Zhang. Edições SM.

Todo Cuidado É Pouco!, de Roger Mello. Editora Cia. das Letras.

Um Garoto Chamado Rorbeto, de Gabriel O Pensador. Editora Cosac Naify.

Valentina, de Márcio Vassallo. Editora Global.

23 Histórias de um Viajante, de Marina Colasanti. Editora Global.

Bibliografia

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo – Criação Lexical*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de Gramática do Português*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico – O que É e Como Se Faz*. 39ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, Produção e Criatividade*. São Paulo: Plêiade, 1996.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- _____. *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)*. 1º e 2º volumes. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 1993.
- _____. *Vários Escritos*. 3ª ed. versão ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARVALHO, Nelly de. *O que É Neologismo*. São Paulo: Contexto, 1987.
- CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro: do Leitor ao Navegador*. São Paulo: Unesp, 1999.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e Coerência Textuais*. São Paulo: Ática, 2006.
- KOCH, Ingedore. *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto, 2000.
- _____. *A Inter-ação pela Linguagem*. São Paulo: Contexto, 1999.
- _____. *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Linguística Aplicada ao Português: Morfologia*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto, 2000.
- _____. *Texto e Coerência*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- LAJOLO, Marisa. *Como e Por Que Ler o Romance Brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e Por Que Ler os Clássicos Universais Desde Cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MARIA, Luzia de. *O Clube do Livro: Ser Leitor – Que Diferença Faz?*. São Paulo: Globo, 2009.
- MIGUEZ, Fátima. *Nas Arte-manhas do Imaginário Infantil: o Lugar da Literatura na Sala de Aula*. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.
- MORICONI, Ítalo. *Como e Por Que Ler a Poesia Brasileira do Século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- PORTELLA, Eduardo (org.). *Reflexões sobre os Caminhos do Livro*. São Paulo: Unesco/ Moderna, 2003.
- ROCHA, Fátima Cristina Dias (org.). *Literatura Brasileira em Foco*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.
- SCHWARZ, Roberto. *Que Horas São? – Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale Quanto Pesa: Ensaios sobre Questões Político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- ZILBERMAN, Regina. *Como e Por Que Ler a Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Referências de sites

www.canalkids.com.br

www.disney.com.br

www.doutoresdaalegria.org.br

www.germinaliteratura.com.br/suzana_vargas.htm

www.greenpeace.org.br

www.historiadaarte.com.br/artecrianças.html

www.itaucultural.org.br

www.kidlink.org

www.kidsplanet.org

www.mingaudigital.com.br

www.monica.com.br

www.nextweb.com.br/castelo

www.palavracantada.com.br

www.planetapontocom.org.br

www.portaldafamilia.org

www.recicloteca.org.br

www.snoopy.com

www.terra.com.br/kids/harrypotter

www.uol.com.br/ecokids

Conselho Editorial

Denise das Chagas Leite
Marília Scofano de Souza Aguiar
Norma Braga

Consultoria

Adriana Guedes, professora de Língua
Portuguesa e doutora em Literatura

Gerência do Projeto Turma da Biblioteca

Teresa Pedroso

Redação

Bete Nogueira

Edição de Texto

Regina Protasio

Revisão

Jorge Eduardo Machado

Pesquisa de Imagens

Carolina Bessa
Fábio Aranha
Joanna Miranda

Gerência de Artes Gráficas

Ana Cristina Lemos

Ilustração de capa

Alessandra Brum
Carlos Benigno

Projeto Gráfico

Aloysio Neves

Editoração

Rodrigo Pereira

Produção Gráfica

Vivian Ribeiro

Impressão:

Ediouro Gráfica e Editora Ltda.

Tiragem:

5.600

Dezembro 2010



MULTIRIO - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.
Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210
Tel.: (21) 2976-9432 • Fax: (21) 2535-4424
www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br